

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA

CLAUDIA REGINA DA SILVA BELINELLO

**O LUTO MANIFESTO NA APRENDIZAGEM:
CONTRIBUIÇÕES DA ORIENTAÇÃO PSICO-EDUCACIONAL
COM ENFOQUE PSICOPEDAGÓGICO**

SÃO PAULO

2016

CLAUDIA REGINA DA SILVA BELINELLO

**O LUTO MANIFESTO NA APRENDIZAGEM:
CONTRIBUIÇÕES DA ORIENTAÇÃO PSICO-EDUCACIONAL
COM ENFOQUE PSICOPEDAGÓGICO**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto Sedes Sapientiae como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Psicopedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Eloísa Quadros Fagali

São Paulo

2016

A morte não é o fim da vida, mas o fim de uma ilusão, uma libertação, libertação do sofrimento, do encadeamento de causas e efeito. É razão pela qual a morte é um momento abençoado, o momento mais sagrado da existência porque é, finalmente, a ocasião de entrar em um espaço ilimitado. É o momento em que a realidade é, por fim, revelada.

(Hennezel;Leloup, 2000, p. 34).

Dedico este trabalho a minha filha
Rafaela, minha maior fonte de inspiração,
mas simplesmente por me ensinar a
cada dia o que é amar
incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Aparecida, por ser meu maior exemplo de força e coragem.

Ao meu marido Michael, por todo incentivo a retomada dos estudos, se não fosse por ele não teria recomeçado esta jornada. Por ser meu amor, companheiro e amigo.

À orientadora, professora, supervisora e amiga Eloisa Quadros Fagali, por me incentivar e me auxiliar com tanta sabedoria na construção deste trabalho.

À queridíssima Marlene Coelho Alexandroff, mestra, amiga e leitora crítica desta monografia.

Para Debora Guimarães, por ser minha ouvinte e psicoterapeuta sempre presente em palavras e atitudes.

Às colegas do curso de Psicopedagogia que caminharam comigo nesta experiência apesar da distância.

Aos professores do curso de Psicopedagogia que contribuíram decisivamente para minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

A clínica do Instituto Sedes Sapientiae, especialmente a “Equipe 8” que compartilhou, durante intensos dois anos experiências, orientações e companheirismo.

A meu Mestre, Paramahansa Yogananda, que me acompanha como um barqueiro me ajudando a atravessar, com mais leveza, todos os momentos desta viagem.

E principalmente a Deus.

RESUMO

O luto é um tempo de reconstrução de nossa autoimagem. Na fragilidade da dor da perda, desvendamos camadas mais profundas de nosso interior e temos que aprender a enfrentar esta dor. O presente trabalho tem como objetivo possibilitar a educadores e terapeutas, em especial ao psicopedagogo um novo olhar a crianças, adolescentes e adultos enlutados no sentido de acolher com afeto e tempo a fragilidade diante deste momento. Possibilitar as elaborações que se desenvolvem em relação à amplitude do aprender e às diferentes dimensões de orientação psico-educacional, diante das situações de perdas e do luto e sobre a experiência da morte e elaborações do luto, suscitar reflexões teóricas sobre o suicídio e o enfrentamento desta dor. As reflexões teóricas baseiam-se nos estudos sobre o luto da morte e do suicídio com base nos teóricos: Bromberg, Grollman, Kovács, Nunes, Prizskulnik, Velasquez, Cordero, Torres, Bowden, Piaget, dentre outros e nas concepções de Jung sobre o desenvolvimento humano considerando o processo de individuação e o ritual de iniciação, em que ocorre a transição entre morte e vida, como também as elaborações de natureza teórica sobre os tipos de personalidade e os desdobramentos dos diferentes estilos cognitivo-afetivos conceituados pelas pesquisas psicopedagógicas de Fagali, levando em conta as variações de defesas, diferentes mecanismos do Ego e manejos terapêuticos para as elaborações de luto, diante das perdas. Foi adotado como metodologia de pesquisa, além das revisões bibliográficas relativas ao tema, o instrumento de questionário e entrevistas realizados com educadores, psicopedagogos e psicólogos. Para análise dos conteúdos das respostas foi adotando o enfoque mais fenomenológico associado ao levantamento dos núcleos de sentidos e asserções temáticas (Bardin) que possibilitam discussões dos temas sobre o assunto em pauta. A relevância da presente pesquisa problematiza e abre espaço para levar em conta a elaboração do luto na orientação psicopedagógica, junto aos aprendizes que sofrem a dor da perda.

Palavras Chave: elaboração do luto, aprendizagem, mediações psicopedagógicas e terapêuticas.

ABSTRACT

Mourning consists of a time of reconstruction of our self-image. Through the fragility related to bereavement we unveil even profounder layers of our interior self and are urged to face its pain. The present paper aims at educators and therapists, particularly the educational therapists, to facilitate a new regard upon children, adolescents and adults in the process of mourning, in the sense of acknowledging and sheltering the fragility of this moment with affection and time. To facilitate the elaborations that develop in relation to the extent of the learning process and the different dimensions of psycho-educational orientation while situations of loss and mourning are presented. To rouse theoretical ponderations about suicide and the pain it causes. The theoretical ponderations are based on studies about mourning related to death and suicide, including theoreticians as Bromberg, Grollman, Kovács, Nunes, Prizskulnik, Velasquez, Cordero, Torres, Bowden, Piaget, among others. These theoretical ponderations are also based upon the conceptualization of Jung about human development, considering the process of individuation and the ritual of initiation, where the transition between life and death occurs and the elaborations about the different types of personality and the unfolding of the diverse cognitive-affective styles conceptualized through the research developed by the educational therapist Fagali, taking into account the variations of defense mechanisms, different mechanisms of the ego and therapeutical means of coping for the elaboration of mourning related to loss. The research methodology adopted includes bibliographic research related to the subject of study, a questionnaire used as research instrument and interviews with educators, educational therapists and psychologists. A phenomenological approach was adopted for the analysis of the content of the responses in association with the analysis of the nucleus of meaning and thematic assertions (Bardin), that make discussions about the subject of the paper possible. The importance of the present research consists in rendering problematic and making room for the inclusion of the elaboration of mourning in educational therapy with apprentices that suffer from the pains of loss.

Key Words: mourning elaboration, learning process, mediations in educational therapy and therapy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - OS SENTIDOS DE APRENDIZAGEM E CONTRIBUIÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS.....	16
CAPÍTULO II - AS DIMENSÕES, FASES E ELABORAÇÕES DO LUTO.....	23
CAPÍTULO III - MORTE, SUICÍDIO – A IMPORTÂNCIA DA SUBJETIVIDADE.....	31
CAPÍTULO IV – REFLEXÕES DE JUNG SOBRE INDIVIDUAÇÃO E O RITUAL DE INICIAÇÃO: ARQUÉTIPO DA GRANDE MÃE, DO PAI, PERSONA, SOMBRA E SELF.....	37
4.1. CONTATO COM A SOMBRA E ELABORAÇÃO DO LUTO.....	40
4.2. A IMPORTÂNCIA DO RITUAL DE INICIAÇÃO QUE FAVORECE A ELABORAÇÃO DO LUTO.....	41
4.3. A BUSCA DA TOTALIDADE E DA INTEGRAÇÃO (ARQUÉTIPO DO SELF E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO).....	42
4.4. O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E A NECESSÁRIA ELABORAÇÃO DO LUTO.....	43
CAPÍTULO V – TIPOS DE PERSONALIDADE (JUNG) E DERIVAÇÕES DOS ESTILOS COGNITIVOS AFETIVOS (FAGALI): DIFERENTES DEFESAS E FORMAS DE ELABORAÇÃO DO LUTO.....	45
5.1. DERIVAÇÕES DOS ESTILOS COGNITIVO-AFETIVOS E AS DEFESAS QUE TENDEM A APRESENTAR DIANTE DA MORTE E ELABORAÇÃO DO LUTO.....	48
CAPÍTULO VI - ENTREVISTAS COM PSICOPEDAGOGOS, PSICÓLOGOS E DISCUSSÃO DOS TEMAS SOBRE ESCUTA TERAPEUTICA-EDUCACIONAL DIANTE DA MORTE E DA ELABORAÇÃO DO LUTO.....	62

6.1 PROCEDIMENTOS SOBRE A ANÁLISE QUALITATIVA DAS RESPOSTAS.....	62
6.2 COMPARAÇÕES DAS ENTREVISTAS: CONVERGÊNCIAS E VARIAÇÕES DAS POSIÇÕES DAS ENTREVISTADAS.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
ANEXOS:	
Anexo 1 - Literatura Infantil sobre Perdas e Lutos.....	81
Anexo 2 - Sugestões de Filmes.....	85
Anexo 3 – Entrevistas.....	86
Anexo 4 - Análise do Conteúdo de Questionários e Entrevistas.....	95

INTRODUÇÃO

A experiência de perder alguém que amamos é uma das mais dolorosas pela qual passamos. Apesar de fazer parte do nosso ciclo de vida, a morte nos assusta, nos fragiliza e, com muita frequência, não encontramos espaço para expressar nossos sentimentos e pensamentos, tão intensos e confusos.

Falar sobre morte ainda é um grande tabu na sociedade, principalmente dentro das escolas, em que não se ouve falar nesse tema. As pessoas tendem a ignorar, pensando que não é assunto para se tratar com crianças e adolescentes. Para alguns autores é necessário falar da morte de maneira clara e objetiva, e assim perguntamos para nós mesmos: como falar para essas crianças sobre a morte? Através desta pesquisa pretendi abordar de que forma o psicopedagogo vai trabalhar com o luto vivido por um aprendiz e que influencia na sua aprendizagem, afetando seu desempenho escolar.

Este trabalho teve como principal interesse compreender o que está se passando com o aprendiz em um momento tão delicado como o luto, seu processo de elaboração e seus reflexos na aprendizagem e desempenho escolar. É significativo ajudar o sujeito aprendiz a compreender que a vida é constituída de ciclos e que a morte é parte dos diferentes estágios existenciais do ser humano e que por isso as atividades escolares devem seguir uma rotina, respeitando o limite individual e a fase de luto que se encontra. Muitas vezes, não há diálogos sobre este tema entre criança e adolescente, no âmbito familiar, e mesmo no escolar por gerar medos, resistências ou incômodos, devido ao fato de se associar à finitude da vida.

O referido trabalho iniciou-se mediante uma situação de luto vivenciada em minha vida e que trouxe uma série de questionamentos sobre o quanto o amparo de profissionais preparados é condição fundamental para ajudar um aprendiz enlutado, frente a sua situação e condição existencial relativo à perda e suas condições de paralisações ou desinteresses na escola, enquanto vive esta situação do luto.

Ao iniciar a pesquisa deste trabalho me deparei com outra dificuldade: a falta de material que aborde este assunto do ponto de vista da aprendizagem e educação, fato este que me motivou ainda mais a pesquisar e escrever a respeito, no intuito de contribuir com profissionais educadores e psicopedagogos que vivem esta realidade com seus alunos na escola e pacientes nos atendimentos clínicos.

A problematização do presente trabalho se caracteriza, portanto, pelas seguintes indagações:

- Toda perda implica em um processo de luto?
- Quais são as reações mais comuns no processo de luto?
- Quais as fases do luto?
- Quais as diferenciações relativas às elaborações do luto, considerando tipos de personalidade e respectivos estilos cognitivos afetivos de crianças adolescentes e adultos?
- Como o psicopedagogo pode ajudar nestes processos na intervenção psicopedagógica, na situação de aprendizagem?
- Como criar condições de aprender que possibilitam a relação dialógica entre educadores ou psicopedagogos e crianças, adolescentes e familiares?

Considerando as orientações educacionais e psicopedagógicas esta última questão se desdobra nas seguintes:

- Quais as mediações terapêuticas e orientação mais adequada para a escuta e apoio, durante o momento em que a pessoa sofre a dor da perda, sob diferentes dimensões?
- Qual a postura do psicopedagogo ou das pessoas que desempenham outras funções e orientações quando a criança e adolescente sofrem a morte de um dos pais ou de alguém próximo, com o qual mantem relações afetivas?

Diante destas indagações, os objetivos do estudo da presente monografia seriam:

- Analisar as concepções psíquicas e educacionais sobre a morte e o luto e os seus reflexos na aprendizagem.
- Observar reações emocionais, físicas, cognitivas e comportamentais que o aprendiz pode manifestar no momento do luto.
- Compreender sobre o papel do psicopedagogo, levando em conta as diferentes dimensões da aprendizagem e as possíveis elaborações do luto.
- Criar recursos de mediações, no processo de aprendizagem, para dialogar com os sentimentos associados aos impactos da morte e ao processo do

luto, ampliando o sentido do aprender das crianças, adolescentes e integrantes familiares.

- Analisar as dinâmicas intra e intersíquicas, considerando os diferentes estilos cognitivo-afetivos das crianças, adolescentes e adultos que expressam de forma singular suas emoções e defesas em relação às perdas físicas e psíquicas e às condições de elaborações do luto.

Para atender aos objetivos propostos, definiu-se como enfoque metodológico deste estudo o levantamento bibliográfico sobre o tema, acrescido das práticas com foco nas experiências vividas pela autora do presente trabalho e nas análises das respostas, colhidas por entrevistas de profissionais que exercem funções de psicólogos ou de psicopedagogos. Considerar nesta entrevista dialógica a importância da escuta e das variações de intervenções feitas com seus pacientes que sofreram perdas que requerem elaborações do luto. Este estudo pretendeu esboçar possíveis recursos psico-educacionais e mediações psicopedagógicas, levando em conta a escuta e postura dos profissionais orientadores diante de crianças, adolescentes e integrantes familiares que se encontram neste momento do luto.

O presente trabalho pretendeu explicitar mais detalhadamente as diferentes fases do luto em que emergem diferentes reações emocionais conforme as elaborações teóricas de Bowlby (1985).

Foram colocadas em destaque as orientações com enfoque psicopedagógico que possibilitam condições favoráveis de aprendizagem, neste momento de luto que o aprendiz atravessa.

A proposta do presente trabalho abrangeu também a orientação psico-educacionais aos familiares e cuidadores das crianças, diante das dores psíquicas geradas pela morte de um ente querido e a necessidade da espera e da elaboração do luto. É de grande relevância, portanto buscar respostas sobre a importância de um trabalho psico-educacional da intervenção psicopedagógica, segundo um enfoque teórico sistêmico que considera a complexa dinâmica interpessoal das pessoas que sofrem as perdas no contexto familiar e escolar.

Como o tema do presente trabalho referiu-se à morte com variações das ocorrências e sentimentos de perdas, foi destacado também o fenômeno do suicídio,

um tema tratado com bastante preconceito em nossa sociedade. É acrescido, portanto, a seguinte questão para as elaborações teórico-práticas: o que considerar e quais as mediações possíveis no diálogo com o paciente, diante das ocorrências do suicídio de um dos integrantes familiares?

As experiências e pesquisas teóricas revelaram que o processo do luto ocorre no nível intrapsíquico e interpssíquico, e que se expressam com características singulares em função da história dos sujeitos e dos familiares, com atenção sobre as defesas psíquicas e expressões emocionais diante das perdas e frustrações de diferentes dimensões, que ocorrem desde o início do desenvolvimento psíquico. Destacaram-se nas elaborações teóricas a complexidade dos sentimentos associados às dores e defesas geradas pelas perdas, as diferentes fases do luto e singularidades próprias de cada personalidade em relação às defesas e elaboração do luto. O apoio psico-educacional requer estes conhecimentos e a atitude de escuta terapêutica para orientar e acompanhar o aprendiz no seu processo de aprendizagem em que se integram significativamente o aspecto afetivo e cognitivo. Elaboraões que necessitam de cuidados e que requerem a elaboração do luto, ampliando assim as diferentes dimensões de aprendizagem da criança. É de grande relevância que o educador ou psicopedagogo fiquem atentos aos sentimentos e fantasias de perdas e culpas associadas ao fenômeno da morte do ente querido, gerando sentimentos e atitudes que interferem, direta ou indiretamente, no processo de aprendizagem.

Vale destacar que os sofrimentos e defesas diante dos impactos gerados pela perda física e psíquica e as respectivas elaborações do luto dependem da dinâmica e tipo de personalidade da criança, adolescente ou adulto. Jung (2011) coloca em destaque as diferentes defesas e formas de pensar em função dos diferentes tipos de personalidade.

Segundo pesquisas de Fagali (2001), em relação aos desdobramentos dos tipos psicológicos de Jung com derivações psicopedagógicas sobre estilos cognitivo-afetivos, o aprendiz reage de forma diferenciada, diante de qualquer frustração ou diferentes dimensões de perdas, acionando defesas próprias de cada personalidade. Nesse sentido, as expressões emocionais e formas diferentes de elaboração do luto, em função dos estilos cognitivo-afetivos de cada aprendiz devem ser consideradas para que o psicopedagogo possa se adequar às diferentes formas de mediação na

situação de aprendizagem com pessoas que sofrem estes impactos relativos a perdas físicas e psíquicas e as consequentes elaborações de luto.

Tendo em vista as problematizações e objetivos da pesquisa, o presente trabalho ressaltou, no primeiro capítulo, as elaborações teóricas que se desenvolveram em relação à amplitude do aprender e às diferentes dimensões de orientação psico-educacional, diante das situações de perdas e do luto.

O segundo capítulo destacou as pesquisas teóricas sobre a experiência da morte e elaborações do luto. As questões e reflexões teóricas sobre o suicídio foram apresentadas no terceiro capítulo.

As reflexões de Jung sobre individuação e o ritual de iniciação inter-relacionados com o arquétipo da grande mãe, do pai, persona, sombra e self foi abordado no quarto capítulo.

Prosseguiu no quinto capítulo elaborações de natureza teórica e prática sobre a dinâmica da personalidade, segundo o enfoque analítico terapêutico de Carl Jung sobre os tipos psicológicos e os desdobramentos de Fagali sobre os estilos cognitivos afetivos, levando em conta as diferentes defesas e elaborações de luto diante das perdas.

O capítulo seis apresentou as análises a partir dos dados coletados das entrevistas, realizadas, considerando sugestões sobre formas de mediações no trabalho psicopedagógico e as mediações que consideram as diferentes defesas e elaborações emocionais associadas às perdas e elaborações do luto sofridas pelos aprendizes e integrantes familiares. Finalizaram-se as elaborações com destaque nas experiências vividas da autora em relação a questões de morte de integrantes familiares.

As análises e considerações finais ressaltaram a relevância da presente pesquisa que problematizou e abriu espaço para a orientação psicopedagógica junto aos aprendizes que sofrem a dor da perda (morte) e que necessita das elaborações do luto. A pesquisadora ressaltou a necessidade de pesquisa e elaboração sobre este assunto, que possibilitaram ampliações do olhar e das mediações psicopedagógicas, durante o processo de aprendizagem das pessoas que sofrem estas perdas e necessitam de elaborações de luto. A autora ressaltou que este estudo se apresentou como um início de trabalho e pesquisa que requer

continuidade para maiores aprofundamentos teóricos e para as consequentes ampliações das práticas psicopedagógicas.

CAPÍTULO I

OS SENTIDOS DE APRENDIZAGEM E CONTRIBUIÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS.

O mundo que nos rodeia não nos ensina a morrer, tudo é feito para esconder a morte, para incitar-nos a viver sem pensar nela, em termos de um projeto, como se estivéssemos voltados para o objetivo a serem alcançados e apoiados em valores de efetividade, tão pouco nos ensina a viver.

Hennezel; Leloup (1999, P.17)

E porque não explicar para a criança o que é a morte?

O assunto morte normalmente é silenciado nas conversas entre adultos, e principalmente, quando estas são vivenciadas por crianças. Segundo vários autores, a inevitável morte mobiliza o maior e mais significativo medo do homem.

É evidente que a morte causa dor e sofrimento e para Rimpoché (2001, apud Cesar, 2001, p.40) “[...] temos dificuldade em lidar com a morte, porque ela revela a impermanência da vida. Sabemos que ela é certa, mas como desconhecemos quando ela ocorrerá, sentimos medo e não gostamos de falar sobre [...]”, mas não deve ser tratada com indiferença, uma vez que, não há verdade mais definitiva, já que ela faz parte do ciclo de vida de todas as pessoas.

O ser humano tem contato com a morte desde o momento em que nasce, seja de um animal de estimação ou de uma planta. É uma dor que nunca finda, mas com a qual, aprende-se a conviver com o passar do tempo. Vomero (2002, p.37), fala o seguinte sobre a morte: “[...] pode-se conviver melhor ou pior com ela. Mas não se pode evitá-la. Pode-se aceitar a sua inevitabilidade e olhá-la de frente. Ou pode-se negá-la, fugir dela, imaginar que não pensar na morte possa fazer com que ela deixe de acontecer [...]”.

Crianças são investigadoras e curiosas, elas sabem o que está acontecendo ao seu redor, sabe quando os pais estão passando pelo processo de luto. Elas

também ficam de luto, quando alguém morre e observam o comportamento dos pais, cujo sofrimento acaba passando para as crianças. Azevedo (2013) destaca que muitas vezes as crianças se sentem culpadas de alguma forma pela morte de um ente querido. Por isso é importante que participem do funeral, mesmo que os pais não queiram leva-las perguntem se a mesma gostaria de ir para o velório, para que não se sinta excluída.

Falar da morte com as crianças não significa entrar em altas especulações ideológicas, abstratas e metafísicas nem em detalhes assustadores e macabros. Refiro-me a colocar o assunto em pauta. Que ele esteja presente, através de textos e imagens, simbolicamente, na vida da criança. Que não seja mais ignorado. Isso nada tem a ver com depressão, morbidez ou falta de esperança. Ao contrário, a morte pode ser vista, e é isso o que ela é como uma referência concreta e fundamental para a construção do significado da vida. (Azevedo 2013, Apud Paiva, P. 29.).

Quando alguém da família morre, não deve esconder o fato dela, mas que a notícia deve ser dada pela pessoa em que a criança deposita mais confiança. Paiva (2011, p.37) ressalta que: “atualmente, a criança não participa do processo de morte e seus rituais. A meu ver, subestima-se a criança alegando-se protegê-la. Para que a criança não sofra, nós impedimos de olhar a realidade da vida e suas perdas [...]”.

Portanto, apesar de o assunto morte ser ainda um tabu em nossa cultura, a verdade nunca deve ser velada.

Os pais e outros adultos sob os quais as crianças nutrem afeto exercem um papel importante nesse momento da vida da criança e, portanto, a forma como eles as acolhem em seu sofrimento influenciam diretamente o modo como a criança enfrenta a experiência de perda e conseguem elaborar o luto. Worden (1998) aponta para o fato de que as crianças, entre cinco e sete anos, são muito vulneráveis, pois atingiram um desenvolvimento cognitivo suficiente para compreender a morte, mas possuem muito pouca capacidade de lidar com ela. Afirma que o luto de uma perda na infância pode ser revivido em muitos momentos da vida adulta, quando este for reativado por outros fatos importantes da existência. Essa retomada pode significar uma forma de elaboração do luto ocorrido na infância.

Paiva (2011 p.48) aponta quatro pontos importantes relacionados à situação de luto, considerando o apoio de quem cuida no momento da elaboração do luto. Ressalta, portanto os seguintes aspectos para ajudar a criança no processo de luto são necessários (Torres, 1999, Apud Paiva, 2011, P. 48):

1. Promover comunicação aberta e segura dentro da família, informando a criança sobre o que aconteceu.
2. Garantir que terá o tempo necessário para elaborar o luto.
3. Disponibilizar um ouvinte compreensivo toda vez que sentir saudade, tristeza, culpa e raiva.
4. Assegurar que continuará tendo proteção

Quando uma criança fica enlutada suas emoções ficam mais expostas, e geralmente, se sente frustrada, não sabendo como expressar essas emoções, gerando respostas agressivas, atitudes introvertidas ou timidez, entre outras reações emocionais e defensivas.

O papel do psicopedagogo no processo de luto é de se colocar no lugar daquele que escuta e facilita a expressão da dor do aprendiz dando importante apoio no que se refere à elaboração do luto no contexto de aprendizagem, assegurando a continuidade do processo do aprender, com a espera e tempo próprio da aprendizagem da criança, diante da frustração e da dor da perda. Este apoio pode implicar, em um primeiro momento, simplesmente “estar presente” como ser humano, testemunhando os acontecimentos, sentindo e demonstrando compaixão. Nossa preocupação como educadores, e principalmente como psicopedagogos, refere-se ao cuidado relativo à escuta e forma do falar e de expressar sobre o assunto, sem deixar velados os sentimentos da morte, um assunto que é tão pertinente na vida.

Velasquez-Cordero (1996) enumera dez maneiras de ajudar a criança no enfrentamento da perda e do luto:

1. Encorajar a criança a expressar seus sentimentos.
2. Responder às perguntas com sinceridade e expressar suas emoções honestamente.
3. Discutir a morte de forma que a criança possa entender.
4. Falar com a criança de acordo com seu nível de desenvolvimento.
5. Ser paciente. Permitir que a criança repita a mesma pergunta, expondo sua confusão e seu medo.
6. Não criar expectativas.
7. Sugerir caminhos para que a criança possa lembrar-se da pessoa (desenho, cartas...).

8. Aceitar os sentimentos, percepções e reações da criança, bem como diferenças de opiniões, dúvidas e questões.
9. Indicar serviços especializados se for necessário.
10. Preparar a criança para continuar sua vida. Reforçar que ela se sentirá melhor depois de um tempo (lembrando que esse tempo é diferente para cada um).

Conforme Raimbault (1979), o jogo, as brincadeiras e o lúdico são recursos importantes para trabalhar com o aprendiz enlutado. Winnicott (1983, apud Silva 2007, p. 31) ressalta que “[...] no lúdico a criança se sente mais confiante e a vontade para expressar seus medos, angústias, sofrimentos e fantasias a respeito das perdas e da morte”. O lúdico, portanto, é uma ferramenta que o psicopedagogo pode explorar para possibilitar à criança o diálogo sobre a transitoriedade da vida.

Aberastury (1984) explica que as crianças expressam seu temor à morte, na maior parte das vezes, através da linguagem não verbal. É importante que o educador esteja atento para captar as angústias da criança que podem se manifestar por meio de sintomas ou dificuldades de conduta diante do fenômeno das perdas.

Segundo Torres (1999), para a criança, a morte é não apenas um desafio cognitivo para seu pensamento, mas também um desafio afetivo e destaca que as explicações são de ordem natural, fisiológica e teológica. A referida autora realizou um estudo sobre a aquisição do conceito de morte pelas crianças, de acordo com os estágios estabelecidos por Jean Piaget (1987, 1996), apontando as seguintes diferenças para cada estágio do desenvolvimento cognitivo:

1. Período Sensório-motor:

Crianças de 0 a 2 anos (antes da aquisição da linguagem)

- O conceito de morte não existe.
- A morte é percebida como ausência e falta.
- A morte corresponde à experiência do dormir e acordar: percepção do ser e não ser.

2. Período Pré-operacional:

Crianças de 3 a 5 anos

- As crianças compreendem a morte como um fenômeno temporário e reversível.
- Não entendem como uma ausência sem retorno.
- Atribuem vida à morte, ou seja, não separam a vida da morte. Não distinguem os seres animados dos inanimados. Entendem a morte ligada à imobilidade.
- Apresentam pensamento mágico e egocêntrico. São autorreferentes, e, para elas, tudo é possível.
- Compreendem a linguagem de modo literal/concreto.

3. Período Operacional:

Crianças de 6 a 9 anos

- Apresentam uma organização em relação a espaço e tempo.
- Distinguem melhor os seres animados dos inanimados.
- Entendem a oposição entre a vida e a morte, compreendendo a morte como um processo definitivo e permanente. Compreendem a irreversibilidade da morte.
- Há uma diminuição do pensamento mágico, predominando o pensamento concreto.
- Ainda não são capazes de explicar adequadamente as causas da morte.
- Conseguem apreender o conceito de morte em sua totalidade: em relação a não funcionalidade, à irreversibilidade e à inevitabilidade da morte.

4. Período de Operações Formais:

Crianças de 10 anos até a adolescência

- O conceito de morte, devido ao pensamento formal, torna-se mais abstrato. Já compreendem a morte como inevitável e universal, irreversível e pessoal.

Vários outros autores também descrevem a compreensão infantil da morte, baseando-se no desenvolvimento cognitivo da criança, a partir da teoria piagetiana (Bromberg, 1997; Grollman, 1990; Kovács, 1992, 2003; Nunes et al., 1998; Prizskulnik, 1992; Velasquez-Cordero, 1996).

Torres (1999), assim como Bowden (1993), alerta para o fato de que a aquisição do conceito de morte pelas crianças não está somente correlacionada à idade, pois depende também de aspectos social, psicológico, intelectual e da experiência de vida. Portanto, pode-se afirmar que a criança percebe a morte de forma diferente do adulto, de acordo com a faixa etária e em função das suas condições cognitivas, que se apresentam no decorrer do seu processo de desenvolvimento.

Usar termos como: “Virou uma estrelinha”, “Não chore!”, “Descansou”... podem confundir a criança, pois isso retarda o entendimento sobre a irreversibilidade da morte. É importante ter-se uma reação empática, de escutá-la e verificar suas reais necessidades, oferecendo-lhe cuidados de suporte ao sofrimento.

Nós tentamos afastar-nos da morte, mas estamos diante dela em nosso cotidiano pessoal e profissional. Não dá para escapar, por isso, faz-se necessário pensar na educação para a morte.

Acredito na necessidade de introduzir para nossas crianças, desde pequenas, a educação para a morte (ou educação para a vida?), essa educação humanizada para a morte envolve lidar com a morte com a naturalidade necessária, sem transformá-la em algo banalizado, fazendo compreender que é possível lidar com a finitude da vida e se valer dessa perspectiva finita para viver integralmente. Gambini sugere que tenhamos a morte como companheira. Esse autor informa, com respeito à sábia face da morte, que admiti-la como companheira é:

O maior propulsor do processo de individuação. [...] Quem conversa com a morte aceita a ideia e a realidade da finitude: a finitude é beleza, a efemeridade é sublime; quanto mais finita, mas bela a vida e mais preciso o momento presente. [...] A morte como companheira deve ser acolhida e de forma alguma evitada, porque é precisamente ela e mais ninguém quem nos ensina de fato a viver. [...] Paradoxalmente, a imagem do término absoluto da vida terrena é que nos habilita a viver a vida em sua possível plenitude. (Gambini, 2005, pp. 135 – 136).

A Educação para a Morte, portanto, deve se empenhar em produzir uma observação sobre o lado sábio da morte, fazendo compreender a sua naturalidade, universalidade e irreversibilidade, assim como promover atitudes de

responsabilização, cuidado e acolhimento, dando suporte emocional para uma intervenção responsável e eticamente viável diante do sofrimento e das perdas que são experimentadas, nas mais diversas circunstâncias em que a morte se insinua. Por fim, essa educação deve provocar uma reflexão sobre a humanização da morte, evitando-se os efeitos danosos da banalização da morte ou de sua interdição.

CAPÍTULO II

AS DIMENSÕES, FASES E ELABORAÇÕES DO LUTO.

Por muito tempo achei que a ausência
é falta.
E lastimava ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos
meus braços, que rio e danço e invento
exclamações alegres, porque a ausência, essa
ausência assimilada,
Ninguém a rouba mais de mim.
Carlos Drummond de Andrade

A morte do outro se configura como viver a morte em vida como se uma parte nossa morresse, uma parte ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos. E a morte da qual recordamos, desde a infância, nas inexoráveis situações de separação da figura materna, sempre dolorosas. Separação ou morte de parentes, amigos, amores, filhos, todos temos histórias a contar. A elaboração da perda é um fato contínuo no processo do desenvolvimento humano. A morte como perda está diretamente ligada a um vínculo que se quebra, de forma irreversível, especialmente quando a perda é real e concreta. A morte emerge sentimentos fortes e é vivida por todos nós. E impossível encontrar um ser humano que nunca tenha vivido uma perda. Esta perda do outro muitas vezes é mais temida do que a própria morte.

Se a morte ocorre de maneira brusca e inesperada tem a capacidade de desarranjo, estagnação e fraqueza. Encarar a perda como destino, encobrir os sentimentos, abafar a dor, apontar o crescimento possível diante dela, podem ser formas de negar os sentimentos que a morte provoca, para não sofrer. Expressar os sentimentos nessas ocasiões é fundamental para a elaboração do processo de luto. Porém, as manifestações diante da perda e do luto vão se modificando com o passar do tempo.

Cada cultura manifesta diferentes comportamentos e rituais para vivenciar o luto. Segundo Aries (1977), na Idade Média era autorizada a manifestação dos sentimentos diante de uma perda. Com o desenvolvimento do poder da Igreja esta

passou a assumir o controle dos rituais e ditar formas de comportamento adequadas. O século XIX traz a ideia da morte como uma ruptura insuportável, porque representa a morte do outro. Era muito frequente morrer de amor, se o outro morre morro também. Constituiu-se então a relação entre as perdas e o suicídio. O século XX segundo Aries traz a representação da "morte invertida", a morte que é vergonhosa, o grande fracasso da humanidade. Há uma anulação da manifestação do luto, a sociedade penaliza a vivência da dor, atribuindo-lhes uma qualidade de fraqueza. Os rituais do nosso tempo suplicam pelo embotamento da morte, negando-a. As crianças devem ser privadas de vivenciar os rituais, como se a morte não existisse. Esta omissão do processo de luto traz sérias consequências do ponto de vista psicopatológico, pois muitas doenças psíquicas podem estar relacionadas com um processo de luto mal elaborado.

O processo de luto por definição é um conjunto de reações diante de uma perda. Bowlby (1985) refere-se às quatro fases do luto:

- A primeira seria a fase do choque que tem a duração de algumas horas ou semanas e pode vir acompanhada de manifestações de desespero ou de raiva. Nesta fase, o indivíduo pode parecer desligado, embora manifeste um nível alto de tensão. Podem ocorrer expressões emocionais intensas, ataques de pânico e raiva.
- A segunda fase seria a do desejo e busca da figura perdida, que pode durar também meses ou anos. A raiva pode estar presente nesta fase, principalmente quando há a percepção de que houve efetivamente uma perda, provocando desespero, inquietação, insônia e preocupação. Ao mesmo tempo, existe a ilusão de que talvez tudo não tenha passado de um pesadelo. Essa raiva pode se manifestar como irritabilidade ou uma profunda amargura.
- A terceira seria a fase de desorganização e desespero, onde a esperança intermitente, os desapontamentos repetidos, o choro, a raiva, as acusações, podem ser manifestações desta fase. Pode haver ainda a sensação de que nada mais tem valor, muitas vezes acompanhada de um desejo de morte, pois a vida sem o outro não vale a pena. E, por fim,
- A quarta fase seria de alguma organização, onde se processa uma aceitação da perda definitiva e a constatação de que uma nova vida precisa ser começada.

Segundo Raimbault (1979), a criança tal como o adulto começa negando que houve uma perda e age como se a pessoa não tivesse morrido. Em consequência do “pensamento mágico” acha que é responsável pela morte do outro. Pode também manifestar processos de identificação com sintomas semelhantes aos da pessoa falecida. Informações sonegadas e confusas atrapalham o processo de luto. Respostas que velam o caráter de permanência da morte, não permitem que a elaboração da perda e o processo de luto ocorram, porque a criança sempre espera a volta do falecido.

Muitas vezes, os pais escondem os seus sentimentos para não deixar a criança ainda mais triste, e este comportamento causa muitos problemas, pois esta sente que também não pode manifestar seus sentimentos. A criança passa pelas mesmas fases de luto que o adulto, desde que esteja tendo os esclarecimentos de que necessita e que devem ser fornecidos, levando-se em conta o seu nível cognitivo e capacidade de compreensão. A moderação e o apoio são extremamente importantes para a criança. A equivocada noção de que preservar a criança da dor, escondendo fatos que são evidentes é uma das principais razões para a manifestação de sintomas patológicos na criança. É um mito supor que o processo de luto da criança é rápido e que logo ela se esquecerá da pessoa perdida.

Estudos realizados com bebês, nos quais já ocorreu o estabelecimento de vínculos específicos, demonstram que a criança se desespera na ausência da mãe, que é sentida como morte. Suas primeiras reações são de protesto e raiva e um grande esforço para recuperar a mãe. Logo se desenvolve um desespero, a esperança diminui e a criança então vai se tornando apática, podendo interromper o seu desenvolvimento, e nos casos mais críticos desenvolve-se a depressão anaclítica¹, conduzindo à morte. Quando há o reencontro, em alguns casos, a criança está tão abalada que não restabelece o vínculo prontamente. Em outros casos, um substituto pode ser procurado. Com crianças institucionalizadas, como não há uma pessoa única que cuida delas, este vínculo mais profundo não se

1

A depressão anaclítica é uma concepção criada por René Spitz para designar o estado de sofrimento de uma criança abandonada pela sua mãe, após reconhecê-la como tal. Esta situação pode ser reversível se a figura materna voltar à relação e aos cuidados da criança ou não, pode durar a vida inteira.

A depressão anaclítica é descrita a partir de comportamentos tais como: o choro, o fechamento ao mundo externo e a indiferença. Também poderá estar associada à procura incessante de apoio e de figuras maternas que possam repor o que a criança ou o adulto perdeu e não recuperou.

estabelece, e a criança pode tornar-se muito autocentrada, às vezes com comportamentos autistas.

Torres (1999), citando Bowlby, afirma que a criança é capaz de enlutar-se tanto quanto o adulto, identificando três etapas principais no processo natural do luto infantil:

1. Protesto: a criança não acredita que a pessoa esteja morta e luta para recuperá-la; chora, agita-se e busca qualquer imagem ou som que personifique a pessoa ausente.

2. Desespero e desorganização da personalidade: a criança começa a aceitar o fato de que a pessoa amada realmente morreu; o anseio por sua volta não diminui, mas a esperança de sua satisfação esmorece. Não grita mais, torna-se apática e retraída, porém isso não significa que tenha esquecido a pessoa morta.

3. Esperança: a criança começa a buscar novas relações e a organizar a vida sem a presença da pessoa morta.

Prizskulnik (1992) afirma que a criança passa por uma fase mais ou menos longa de idealização do ente querido. Chama de “sobreinvestimento”. Isso precede o “desinvestimento”, que permite:

1. A introjeção do objeto perdido sob a forma de lembranças, palavras, atos, modos de ser comuns ao morto e a si mesmo.

2. O investimento afetivo de um novo objeto (desenvolvimento de um novo amor). Essa não é uma tarefa fácil, pois exige que a criança aceite que a ausência da pessoa morta (um ser querido) será para sempre, definitiva.

O educador e estudioso das questões do luto Dr. Alan Wolfelt, cita as seguintes necessidades no processo do luto infantil:

- 1ª Necessidade: reconhecer a realidade da morte

A criança precisa confrontar a realidade de que alguém que ela amava muito morreu e que essa pessoa não mais estará presente fisicamente. As crianças tendem a aceitar a realidade da morte em “doses”. Elas permitem a entrada de “um pouco” de dor e depois voltam a brincar. Esta dosagem não só é normal, mas também necessária para tornar esses primeiros momentos do luto mais suportáveis.

Uma criança pode levar anos para integrar plenamente a realidade da perda. Conforme se desenvolve e amadurece, a morte assume novas esferas de significado e maior profundidade.

- 2ª Necessidade: sentir a dor da perda

Assim como qualquer pessoa em processo de luto, as crianças também precisam abraçar a dor da perda. Felizmente a maioria delas ainda não aprendeu como reprimir ou negar os sentimentos. Se estão tristes, elas geralmente se permitem estarem tristes. O psicopedagogo deve ajudar encorajando a criança a falar sobre pensamentos dolorosos e ouvir os relatos sem julgamento. O educador pode expor os seus próprios sentimentos, essa troca pode propiciar a construção de uma relação rica e de compartilhamento de experiências. Se estiver triste, expresse sua tristeza na presença da criança.

- 3ª Necessidade: relembre a pessoa que partiu

Quando alguém que amamos morre, ela vive em nós através das nossas lembranças. Crianças em luto precisam lembrar a pessoa que partiu e precisam ajudar a celebrar a vida que essa pessoa viveu. Tirar as memórias de uma criança com a pessoa que morreu é uma tentativa equivocada de privá-la da dor. É muito bom para a criança ver fotos ou assistir vídeos, é bom para ela contar histórias sobre essa pessoa querida que se foi. Relembrar o passado torna o futuro mais possível.

- 4ª Necessidade: desenvolver identidade própria

Parte da identidade de uma criança é formada pelo relacionamento que ela teve com a pessoa que partiu. Talvez ela tenha tido um pai e agora não tem mais, ou ela poderia ser o irmão mais velho que agora não tem mais a irmã caçula. Como mudou o sentido da criança sobre quem ela é como resultado de uma perda importante? Ninguém pode preencher para a criança a “vaga” da pessoa que partiu. O trabalho do educador neste sentido consiste em nunca tentar achar um pai/melhor amigo/avô substituto. Deve-se orientar a família a não permitir que as crianças ou adolescentes sejam encorajados a assumirem o papel e as tarefas que pertenciam à

pessoa que morreu o que impede o processo de superação e injustamente rouba a inocência da infância.

- 5ª Necessidade: procure significado

Quando alguém que amamos morre, naturalmente questionamos o significado e o propósito da vida. As crianças tendem a fazer o mesmo de forma muito simplificada através de perguntas como “Porque as pessoas morrem?”, “O que acontece com as pessoas depois que morrem?” ou “O papai pode jogar futebol no céu”? Uma criança só se sente à vontade para fazer esse tipo de pergunta para um adulto em quem confia. O educador não deve tentar responder todas as perguntas sobre o significado da vida. Não tem problema, e talvez até seja desejável, admitir que como seres humanos também nos sentimos confusos com as mesmas perguntas.

- 6ª Necessidade: receber apoio contínuo de seus cuidadores

Acredito que o trabalho entre psicopedagogo e ou escola com a família é importante para a reestruturação da rotina desta criança ou adolescente. Fazer uma rede de apoio com ênfase num trabalho sistêmico onde o educador deve acompanhar e entender a visão de mundo da família para construir junto o caminho que será trilhado neste trabalho com o paciente enlutado.

É importante salientar que nem todas as pessoas passam por todas essas fases de luto. O luto por si só não é considerado uma doença, porém, como referência ele pode favorecer o aparecimento de certa sintomatologia que pode envolver aspectos afetivos como depressão e ansiedade, por exemplo, ou ainda, manifestações comportamentais como agitação, fadiga e choro. É preciso ficar atento a essas mudanças, na criança enlutada, pois isso pode prejudicar principalmente, o desenvolvimento escolar, tendo em vista que esses comportamentos dificultam o exercício da concentração e da atenção, necessárias ao bom desempenho escolar.

A forma como os adultos próximos à criança acolhem seu sofrimento influencia diretamente no modo como ela vai enfrentar a experiência de perda. Worden (1998) aponta para o fato de que as crianças entre cinco e sete anos são muito vulneráveis, pois atingiram um desenvolvimento cognitivo suficiente para

compreender a morte, mas possuem muito pouca capacidade de lidar com ela. Afirma que o luto de uma perda na infância pode ser revivido em muitos momentos da vida adulta, quando este for reativado por outros fatos importantes da vida. Essa é uma forma de elaboração da perda ocorrida na infância.

O ato de brincar, segundo Bettelheim (1988, apud Bomtempo 1997) faz com que a criança seja capaz de lidar com as dificuldades psicológicas, porque nesse momento ela busca integrar experiências, sejam elas de dor, medo ou perda, pode também entender conceitos de bom e mal. Nesse sentido, educadores devem incentivar seu aprendiz a brincar, porque esse ato se configura numa válvula de escape e pode auxiliar a criança que passa por um processo de perda.

Uma criança que enfrenta a morte de um ente querido pode sofrer pressões do meio externo, quando a realidade causa mudanças bruscas em seu cotidiano, ainda segundo o autor, por meio das fantasias imaginativas e das brincadeiras baseadas nelas, essas crianças podem começar a compensar as pressões sofridas, que podem ser o desejo de não mostrar tristeza diante dos adultos, por exemplo, ou então reprimir o choro em circunstâncias que seriam aceitáveis, mas por não querer que o outro se sinta ainda pior, ela se retrai, fingindo que está tudo bem, poupando assim o sofrimento daqueles que estão ao redor.

Enquanto brinca, a maioria das crianças entra em seu próprio mundo, na escola ou no consultório isso talvez seja mais frequente e, se o educador percebe que ela se sente melhor enquanto brinca, pode estender esses momentos, pois para Vygotsky (1984, apud Bomtempo, 1997, p. 64).

“[...] o brincar tem sua origem na situação imaginária criada pela criança, em que desejos irrealizáveis podem ser realizados, com a função de reduzir a tensão e, ao mesmo tempo, para constituir uma maneira de acomodação a conflitos e frustrações da vida real”.

Do exposto, evidencia-se que as atividades lúdicas permitem que a criança represente o papel ora passivo, ora ativo, isso pode segundo reduzir o efeito traumático que alguma experiência recente possa ter causado, e deixar o indivíduo melhor preparado para quem sabe, ser submetido novamente ao papel passivo, se uma nova situação exigir, isso explica em grande parte o efeito benéfico da brincadeira. Podemos notar o quão necessário e importante é o ato de brincar para crianças, especialmente para aquelas que enfrentam um processo de luto.

É através de seus brinquedos e brincadeiras que a criança tem oportunidade de desenvolver um canal de comunicação, uma abertura para o diálogo com o mundo dos adultos, onde ela restabelece seu controle interior, sua autoestima e desenvolve relações de confiança consigo mesma e com os outros. Como proposta de intervenção também é notório o papel que o desenho ocupa.

Ao brincar, a criança desloca para o exterior seus medos, angústias e problemas interiores, dominando-os por meio da ação. Repete no brinquedo todas as situações excessivas para seu ego fraco e isto lhe permite, devido ao domínio sobre os objetos externos ao seu alcance, tornar ativo aquilo que sofreu passivamente, modificar um final que lhe foi penoso, tolerar papéis e situações que seriam proibidas na vida real tanto interna como externamente e também repetir à vontade situações prazerosas (ABERASTURY,1992,p.15-16).

Em seus desenhos, pode ficar evidente o desejo de que a pessoa morta volte a ter vida, isso se a criança ainda não for capaz de compreender o conceito de irreversibilidade. Quando o educador permite que o aprendiz desenhe livremente, ele abre caminho para que a criança externar suas emoções e sentimentos, algo que é muito valioso num momento como esse.

CAPÍTULO III

MORTE, SUICÍDIO – A IMPORTÂNCIA DA SUBJETIVIDADE.

Suicídio é:
O imprevisto, o indefinido,
O inexplicável.
Morte intrusa,
Morte repentina e violenta,
Morte que ofende,
Que choca, que cala.
Uma incógnita, uma tragédia,
Um mistério,
Uma entrega da vida,
Uma denúncia do desespero e do sofrimento.
História interrompida,
História velada...
Ato a ser julgado,
A ser decifrado,
A ser compreendido
Pedido de socorro,
De escuta,
De paz...
Morte sem aviso prévio,
Morte que provoca indignação,
Morte que causa dor,
Morte que confirma o absurdo da falta de sentido.
Corpo que desfalece sem movimento,
Corpo que expressa a ausência de ritmo e de tom.
Coração que para.
Existência que se eterniza naquele que sofre pela sua concretização...
Karina Okajima Fukumitsu

O suicídio é um movimento de interlocução ou de falta da mesma? De abstenção ou de comoção? O que significa o ato de se matar? Acabar com uma angústia ou um ato de desesperança? A solução para um problema? Um ato de egoísmo? Falta de sentido na vida? Falta de amor pelo próximo e principalmente por si mesmo? Inúmeras perguntas e praticamente nenhuma resposta. O suicídio é uma batalha entre o destruidor e o destruído que se encontram no combate pela vida, é uma imensidão de incertezas entre a escolha da vida ou da morte.

O suicídio é multifacetado, é um diálogo entre fatores culturais, psiquiátricos, psicológicos, econômicos, religiosos que precisam ser ponderados. As causas são diversas, porém, normalmente existe algo que desencadeia o ato, como a morte de um ente querido ou a perda de um emprego, que faz vir à tona alguma coisa que já estava armazenada no fundo do ser.

Como o fogo: relva seca e fortes ventos podem permanecer apenas como possibilidades perigosas, elementos de combustão. Mas, se um raio cai nessa relva, a chance de o fogo aumentar será rápida: pula de leve para intensa. (Jamison, 2010, p. 183).

Para algumas pessoas, em determinados momentos da vida, pensar na morte como a saída para uma situação de sofrimento intolerável, talvez pareça a única solução possível. Quando uma pessoa se sente no limite, angustiada, desesperada e sem esperança, é compreensível que considere que prescindir do direito de viver, apesar de constituir uma solução permanente, pareça ser a melhor forma de lidar com uma situação que, naquele momento, é tão avassaladora e dolorosa. É como se sentisse que está perdida num labirinto completamente escuro e todos os caminhos que permitem o acesso às portas de saída deixassem de existir; mesmo que tentasse percorrer um desses caminhos resultaria em mais um esforço inútil, pois encontraria as portas completamente trancadas e sem as chaves adequadas para abri-las.

Mesmo o suicídio sendo um ato individual e solitário, pode ser considerado como o tipo de morte mais dolorida para as famílias lidarem e seus efeitos podem ser devastadores. (Jaques, 2000; Cerel et al. 2008)

Toda morte exige um período de luto para que aqueles que ficam reorganizem suas vidas. É um período doloroso, mas que passa com o tempo, no entanto, para Franco (2010) certas mortes causam um processo de luto mais difícil de elaborar. Neste contexto, a morte procedente de um suicídio deixa marcas profundas na família e, é um dos sofrimentos que abrange maior número de pessoas necessitando de acompanhamento profissional para superação, tendo em vista que, os que ficam muitas vezes experimentam sentimentos de culpa, rejeição, impotência e algumas vezes, sentem raiva de si próprias por sentirem raiva daquele que partiu.

A dor do suicídio pode ser devastadora, além de deixar um rastro de dúvidas e uma sucessão de questões sem respostas e sem fim. O famoso “E se eu

tivesse...” vem à tona, e um misto de descrença, dor, raiva e culpa pode emergir de maneira perturbadora e confusa. Por isso, é muito comum ouvirmos que os sobreviventes, após o suicídio, ficaram sem chão, teto, parede! É como se um tsunami invadissem a vida daqueles que ficam tirando tudo do lugar e mudando tudo que era antes.

Nada é igual, existe uma vida antes e uma vida depois do suicídio.

O sobrevivente pode querer se isolar, tentar desesperadamente saber o motivo pelo qual a pessoa se matou buscar um culpado para o que aconteceu ou não querer mais ir à escola ou ao trabalho, e sentir-se abandonado... E isso faz parte da maneira como está reagindo ao impacto do suicídio. Não existe tempo mínimo, certo ou máximo do luto ser vivido, ele geralmente leva anos até passar e muitas vezes nem passa...

A perda de um ente querido provoca uma dor e um pesar profundo. A perda de alguém, através do suicídio, resulta muitas vezes em diferentes respostas e emoções. O luto pelo suicídio é prolongado. Choque, isolamento social e sentimento de culpa são, frequentemente, maiores, e a alternativa a isso levanta questões dolorosas.

Pessoas que passaram pelo suicídio de um familiar poderão experimentar alguns ou todos os sentimentos abaixo:

- **Choque intenso - A sensação de choque e incredulidade** após uma morte deste tipo pode ser muito intensa. Um aspecto comum da dor são as imagens recorrentes da morte, mesmo que esta não tenha sido testemunhada. Há uma necessidade natural de recordar constantemente das imagens assustadoras e dolorosas da morte e voltar a sofrer os sentimentos que estas provocam.

- **Interrogação – Por quê?** - A perda pelo suicídio envolve frequentemente uma procura prolongada de uma explicação para a tragédia. Eventualmente, muitas pessoas acabam por aceitar o fato de que nunca saberão realmente as razões da mesma. Durante a procura de explicações, membros diferentes da mesma família poderão ter ideias diferentes sobre os motivos que levaram à ocorrência do suicídio.

- **Interrogação - Poderia ter sido evitado?** É comum o pensamento constante sobre como a morte poderia ter sido evitada e em como o ente querido poderia ter sido salvo. Em retrospectiva, tudo pode parecer dolorosamente óbvio. Os

"e se" podem parecer intermináveis. Rever mentalmente os acontecimentos é uma forma natural e necessária de enfrentar o que se passou. As pesquisas sugerem que as pessoas enlutadas pelo suicídio sentem mais remorso, mais culpa e interrogam-se mais, do que as pessoas que estão de luto por qualquer outro motivo.

- **Abandono/rejeição** - Podem experimentar uma sensação de rejeição. É comum o sentimento de abandono por parte de alguém que "escolheu" morrer.

- **Receios e sentimentos suicidas - O desespero** é uma parte natural do processo de sofrimento, mas após o suicídio de um ente querido a angústia pode estar combinada com o receio pela própria segurança. A identificação com alguém que se suicidou pode ser profundamente ameaçadora para a sensação de segurança. Poderão sofrer mais ansiedade do que as pessoas que estão de luto por outros motivos e estarem mais sensíveis a sentimentos suicidas.

- **Vergonha e isolamento - As atitudes sociais em relação ao suicídio estão mudando**, mas podem continuar a limitar o apoio que se encontra disponível. O silêncio dos outros pode reforçar os sentimentos de vergonha, pudor e de "ser diferente". Se os outros se mostram embaraçados, pouco à vontade e evasivos acerca do suicídio, pode levar a pessoa a sentir-se profundamente isolada. As oportunidades para falar, recordar e celebrar todos os aspectos da vida de um ente querido e da sua personalidade pode ser-lhe negado. Poderá também sentir uma necessidade muito forte de proteger o ente querido e de proteger-se a si.

Crianças e adolescentes tendem a demonstrar o luto de formas diferentes dos adultos. O que pode ajudar crianças e adolescentes? O que nós, educadores podemos fazer diante de uma criança ou adolescente que estão vivenciando um luto, decorrente de um suicídio?

É de grande importância o apoio terapêutico-educacional numa abordagem sistêmica, com orientações extensivas às relações familiares, visando compreender a criança ou adolescente como indivíduos integrados ao seu contexto familiar e sociocultural e realçando a complementariedade relacional existente entre os seres humanos. Este apoio com enfoque sistêmico recomenda os seguintes cuidados:

- Orientar a família que as crianças podem se preocupar que o outro adulto das relações familiares a deixará também. É importante, portanto tranquilizá-las sobre esse assunto, assegurar, quando deixa a criança, ao sair da sua companhia, que "irá sair, mas voltará".

- Que os membros da família não escondam a tristeza delas, pois podem pensar que seus parentes não se importavam com a pessoa que morreu.
- Não é necessário esconder o luto das crianças. Elas perceberão que é natural chorar e expressar como se sentem.
- Incentiva-la a falar sobre seus medos e preocupações. Deixá-las chorar. Não apressar a fase do luto delas.
- É importante deixar as crianças saberem que elas não têm de lamentar o tempo todo. Elas podem brincar e jogar.
- Crianças podem se sentir muito irritadas depois de um suicídio. Atividades físicas, como chutar bola, correr, rasgar revistas, podem ajudá-las a canalizar a raiva na manipulação dos jogos e objetos.
- Outras sugestões de atividades para fazer com a criança, na fase de elaboração de luto, consistem em construir uma “caixa de memória” ou página de recados, contendo fotografias, desenhos, cartas, poemas, histórias e lembranças da pessoa morta.
- É saudável tranquilizar a criança ressaltando que o que ela sente não sentirá para sempre. Pode demorar um tempo, mas ela vai se sentir melhor e sempre será amada e cuidada.
- Ao falar sobre a morte, encorajar com perguntas, compartilhando sentimentos e confortando a criança.
- É importante deixar a criança ou adolescente enlutar-se a seu modo e conforme o tempo que for necessário e saber a verdade sobre o suicídio para acontecer à elaboração deste luto tão dolorido.

Dialogar com os sentimentos que afloram sem reprimi-los é saudável e possibilita lidar com as primeiras fases relativas à elaboração do luto. As crianças e adolescentes podem sentir raiva, culpa, confusão, choque, horror e trauma que vai além das emoções "normais" causadas pela morte. Elas poderiam não saber que esse ente querido estava infeliz, podem sentir raiva por terem sido deixadas sozinhas, e podem se sentir culpadas e se odiarem por não terem sido capazes de impedir o suicídio. As vítimas de um suicídio não estão limitadas apenas à pessoa que cometeu o ato - o suicídio deixa uma marca longa na vida de todos aqueles envolvidos com o suicida.

Nos trabalhos de apoio terapêuticos e psicopedagógicos os recursos da arte terapia, tais como pinturas, desenhos, expressões em argilas ou massinhas, ou outros materiais que implicar em cortar, quebrar e reconstruir podem ser favoráveis para a descarga da raiva, e a possibilidade de reconstrução do que se quebra e se despedaça.

O movimento do despedaçar papel libera a raiva à percepção da quebra. Reconstruir a massa com uma nova forma, ou o papel transformando na massa do “papier maché” (massa de papel), que possibilita construções de bonecos, animais ou qualquer objeto resgata as sensações e sentimentos de reconstruções, renascimentos de algo diferente, na medida em que a criança permita esta possibilidade de reconstruir.

Essas construções expressivas podem também ser feitas em compartilha com os parentes que podem expressar sua raiva, culpa e elaborar o luto.

Algumas crianças são sensíveis às músicas e, portanto, pode oferecer a possibilidade de ouvir e cantar, quando assim solicitarem. Os contos associados à morte de forma simbólica ou mais próxima do real podem ser também usados.

CAPÍTULO IV

REFLEXÕES DE JUNG SOBRE

INDIVIDUAÇÃO E O RITUAL DE INICIAÇÃO:

ARQUÉTIPO DA GRANDE MÃE, DO PAI, PERSONA,

SOMBRA E SELF

...“eu só posso esperar e desejar que ninguém se torne Junguiano.

Eu não defendo uma doutrina, mas descrevo fatos e chamo atenção para certas opiniões que considero dignas de discussão...

Eu deixo qualquer pessoa livre para lidar com o fato a seu próprio modo, uma vez que eu também reclamo essa liberdade para mim”.

C.G. Jung

Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicanalista fundador da escola analítica de psicologia, nasceu em Kesswil, Suíça no ano de 1875.

Jung elaborou uma variação sobre a obra de Sigmund Freud, a psicanálise, interpretando os distúrbios mentais como uma forma patológica de procurar a auto realização pessoal e espiritual.

Iniciou seus trabalhos pesquisando as associações verbais dentro da abordagem psicanalítica. Estes estudos proporcionaram-lhe reconhecimento internacional e um período de bastante proximidade com Freud.

Entretanto, com a publicação do livro “Transformações e símbolos da libido” (1912), ocorreu o rompimento do relacionamento com Freud.

Jung não tinha como principal preceito a etiologia da sexualidade e foi o criador da psicologia analítica, tendo sua base frente às produções culturais da coletividade humana.

Carl G. Jung, apesar de destacar a dinâmica do inconsciente no processo psíquico, traz uma postura e um olhar mais fenomenológico, ao considerar a subjetividade na relação com o outro e a experiência de proximidade do encontro terapêutico em que se entrelaçam inconsciente pessoal e coletivo:

... a experiência me ensinou a me afastar de métodos terapêuticos tanto quanto de diagnósticos. A enorme variação entre os indivíduos e suas neuroses levou-me a estabelecer o ideal de abordar cada caso com um mínimo de ideias pré-concebidas. O ideal seria naturalmente não ter qualquer assunção... Tento, tanto quanto possa não ter ideias pré-concebidas e não usar métodos já prontos e ter a ideia de que, eu mesmo, determinarei meu método: procederei da forma como sou. (AUTOR,ano, pag.)

Busca nas suas reflexões o valor da arte para a cura, fala de quanto a arte em si já manifesta as possibilidades de cura.

Nos últimos 50 anos de vida, Jung dedicou-se a desenvolver suas teorias, aplicando uma ampla erudição em mitologia e história, realizando viagens com o objetivo de conhecer as diversidades culturais, além de trabalhar os sonhos e fantasias de sua infância.

Em 1921 publicou outra de suas principais obras: “Tipos Psicológicos”. Nesta obra, ele abordou a relação entre o consciente e o inconsciente propondo a diferenciação de tipos de personalidade: extrovertida-introvertida.

O enfoque terapêutico de Jung se dirigia a reconciliar os distintos estados da personalidade, que não está somente dividida em introversão e extroversão, mas, em sensação e intuição, em sentimento e pensamento (tratarei deste assunto no próximo capítulo). A partir do momento em que compreende como ocorre a integração do inconsciente pessoal com o coletivo, o paciente alcançará um estado de individualização, ou seja, a totalidade em si mesmo.

Jung estabelece uma diferenciação entre o inconsciente individual e o inconsciente coletivo, que, segundo ele, possuía sentimentos, pensamentos e recordações que condicionavam cada sujeito (desde seu nascimento), inclusive, em sua forma de simbolizar os sonhos.

Segundo Samuels, o conceito de Jung sobre o inconsciente coletivo ressalta que este “opera independentemente do ego por causa da sua origem herdada no cérebro suas manifestações operam na cultura como motivos universais”. Os conteúdos do inconsciente coletivo exigem o envolvimento de elementos do inconsciente pessoal para sua manifestação para sua manifestação no comportamento, portanto “o inconsciente individual e coletivo são indivisíveis” (Samuels, 1988, p. 104,105).

Jung abre espaço para trabalhar com o coletivo, a cultura, ao trazer o conceito do inconsciente coletivo, razão pela qual se diferencia da abordagem psicanalítica que parte da concepção do inconsciente pessoal (individual) mobilizado pelos instintos (id) e conteúdos reprimidos, com base na pulsão sexual.

O inconsciente coletivo se constitui de arquétipos, que se caracterizam como forças psíquicas universais que se associam às imagens primitivas, primordiais, as quais se recorrem em situações como a busca do apoio associada a imagem da grande mãe, da lei e dos limites associados a imagem do pai, a confrontação com a morte, ou na escolha de um parceiro, ou, ainda, na manifestação de elementos culturais como a religião, os mitos e lendas populares.

Portanto, os arquétipos são uma energia da vibração humana que se apresentam em símbolos coletivos, em mitos e muitas vezes nos identificamos e agimos segundo eles.

Alguns exemplos de arquétipos, sabendo que são infinitos e se criam pela própria possibilidade de criação do homem:

- Arquétipo da grande Mãe: fertilidade, a busca da terra, do colo, a entrega, viver a indiferenciação, o “nirvana”.
- Arquétipo do grande Pai: a busca das leis, do estruturante, da organização, a competição, o desafio.
- Arquétipo Sombra: o encontro com o dragão, as repressões, o medo do desconhecido. O mergulho em busca do outro lado que parece sombrio e ameaçador.
- Arquétipo do Self: a busca de si mesmo, da totalidade, de algo que transcende os limites do meu ego.
- Arquétipo da Iniciação: a busca da transformação, do lidar com a morte e ao mesmo tempo com a vida. O renascimento, as transições.
- Arquétipo do Herói: a busca da diferenciação e da autonomia, integrando inconsciente – consciente, desempenhando tarefas para libertação do que está aprisionado.
- Arquétipo da Anima e do Feminino: a busca da intuição, da fantasia, do imaginário e do subjetivo, a busca de algo que transcende o “aqui e agora” e o controle do ego (alma).

- Arquétipo do Animus e do Masculino: a busca do Logos, do concreto, da ação, da força, da luta associada ao “aqui e agora”.
- Arquétipo da Persona: o termo Persona se refere à máscara que o grego utilizava no teatro e diz respeito aos papéis coletivos que representamos em nosso dia a dia, quando estamos no emprego, e até mesmo em casa como pai, mãe e filho. Diz respeito as atitudes coletivas adotadas pelo indivíduo, o aspecto mais externo na psique.

As manifestações dos arquétipos acontecem em determinado grupo, instituição ou nação, num determinado momento, dando um contorno para uma forma de agir, uma forma de trabalhar as situações e vivenciar as mesmas.

4.1. Contato com a sombra e elaboração do luto

Na elaboração do luto há um diálogo com a sombra, pois algo da persona do que julgamos dominar e conhecer se destrói e então temos que entrar em contato com outros aspectos do nosso eu.

A elaboração do luto implica na passagem das forças e valores associados ao arquétipo da Grande Mãe para as forças e valores e experiências associadas ao arquétipo do Pai.

A sombra se refere a este momento de passagem, carregada de medos e de dores e o contato com o desconhecido. Diante da morte de um ente querido algo também morre dentro de quem fica em relação às fantasias da felicidade e da presença eterna do outro. Algo da fantasia do prazer e da busca da zona de conforto associado ao suporte materno, sempre garantido pela presença física do outro, se desconstrói. Defrontamo-nos com a frustração de não ter mais o outro ao nosso lado e deparamo-nos com a real e inevitável falta. Mobilizam-se as forças do arquétipo do Pai que requer a força heroica para atravessar a morte, chorar a dor da perda e enfrentar o desconhecido que renascerá. Este desconhecido assusta, provoca estranhamentos e medo. São sombras que assustam e que mobilizam fugas, porém se nos aproximarmos delas, apesar dos medos e estranhamentos, nos remetemos à luz, à consciência de outras formas de ser e de viver, de renascer. Outros lados da Psique se descortinam quando atravessamos a sombra que se apresenta sempre na

elaboração de um luto, em que emergem as forças do arquétipo do Pai, que simboliza a dimensão do real, e possibilita a reconstrução da Psique diante das frustrações e da necessidade de prosseguir, atravessando os umbrais da morte.

No processo de aprendizagem diante desta passagem de vida e morte, a elaboração do luto se faz necessária e possibilita-nos atravessar as sombras e ir ao encontro de outras dimensões de ser, existir e viver. Lados desconhecidos que emergem como estranhos e assustadores, como sombras, que nos geram medos. Se atravessarmos o medo das sombras nos deparamos com dimensões reais e renovadoras de ser e de existir. Novas condições de diálogos se constroem diante das forças do arquétipo do Pai que nos impulsiona para ir além das frustrações, desafiando os limites da falta na dimensão do real, mas sem deixar de abrir espaço para as vivências dos prazeres, do conforto possível e da autoconfiança e esperança mobilizados pelas forças do Arquétipo da Grande Mãe. Assim instaura-se na elaboração do luto o rito de passagem entre morte e vida mobilizando renascimentos da Psique, em direção a novas trajetórias da vida: o rito de iniciação.

4.2. A importância do ritual de iniciação que favorece a elaboração do luto

Segundo as elaborações de Jung e estudos antropológicos, “o ritual, seja de grupos tribais ou de sociedades mais complexas insiste sempre neste rito de morte e renascimento, isto é um ‘rito de passagem’, de uma fase da vida para outra” (Jung p.31). São movimentos universais de transformação e por isso, Jung conceitua como arquétipo de iniciação. Os rituais de iniciação, portanto são fundamentais no sentido de mobilizar e elaborar este arquétipo em que ocorrem as experiências, sentimentos e elaborações sobre morte e vida, morrer e renascer. Jung considera que a cultura moderna está se esquecendo do valor e da prática dos rituais de iniciação.

Um ponto importante a ser considerado sobre a elaboração do luto é que hoje os cultos e ritos que nos auxiliavam frente à morte perderam o sentido. O rito de iniciação é de fundamental importância na vida psicológica, e todas as cerimônias externas adaptam-se a um padrão psicológico inato de mudança e crescimento. A iniciação ocorre quando se ousa agir contra instintos naturais e o indivíduo se

permite ser induzido em direção à consciência. Desde tempos imemoriais, os ritos de iniciação têm sido transmitidos preparando e fazendo paralelismo com as transições significativas da vida que envolve tanto o corpo como o espírito. A complexidade de tais cerimônias sugere a amplitude e profundidade do ritual necessário quando a energia psíquica precisa ser desviada de um hábito adquirido para uma atividade nova e inabitual. O que ocorre para o iniciado é uma mudança ontológica, mais tarde refletida em uma mudança reconhecida também em um status externo.

Todas as iniciações envolvem a morte de uma condição menos adequada e o renascimento de uma condição renovada e mais adequada.

A iniciação é de fundamental importância na vida psicológica, e todas as cerimônias externas adaptam-se a um padrão psicológico inato de mudança e crescimento. O rito ou a cerimônia salvaguarda a pessoa ou a sociedade contra a desintegração enquanto uma profunda e penetrante mudança acontece.

Negamos a morte, mas sabemos que culturalmente somos impelidos a integrá-la de alguma forma mediante o universo simbólico (rituais, mitos, símbolos, entre outros). Negamos a morte e algo dentro de nós nos empurra para uma busca de sentido cada vez maior.

É natural pensar que o corpo tem seu trajeto inevitável: nascer, crescer, gerar novas vidas, envelhecer e morrer. Mas quando pensamos na psique, nos parece trológico pensar que ela também tem um longo trajeto a ser percorrido e um objetivo "a cumprir". É o que Jung chamou de processo de individuação.

4.3. A busca da totalidade e da integração (arquétipo do self e o processo de individuação)

Assim como do corpo espera-se o amadurecimento e o seguimento do desenvolvimento, da psique esperamos o nascimento do homem realizado. Temos um árduo caminho a trilhar em direção ao nos tornar realmente quem somos um ser inteiro, uma pessoa constituída e cônica de suas inúmeras e diferentes competências, que podem e devem conviver mesmo quando o externo valoriza

apenas algumas das infinitas habilidades humanas, deslegitimando tantas outras. Como afirma Nise da Silveira: “Todo ser tende a realizar o que existe nele em germe, a crescer, a completar-se. Assim é para a semente do vegetal e para o embrião do animal. Assim é para o homem, quanto ao corpo e quanto à psique”.

De acordo com Jung, há em nós um impulso inato à totalidade. Na medida em que assumimos a tarefa de nos tornarmos inteiros, ajuda de diferentes setores aparecem para nos mostrar que estamos no “caminho” correto. Dentro desta mesma perspectiva, sabiamente Goethe escreveu:

No momento em que nos comprometemos, a providência divina também se põe em movimento. Todo um fluir de acontecimentos surge ao nosso favor. Como resultados da atitude, seguem todas as formas imprevistas de coincidências, encontros e ajudas, que nenhum ser humano jamais poderia ter sonhado encontrar. Qualquer coisa que você possa fazer ou sonhar, você pode começar. A coragem contém em si mesma, o poder, o gênio e a magia. (AUTOR, ano, pg.)

Em seu texto “A alma e a morte” (1934), Jung equipara a vida, em seu processo natural, ao percurso do sol. Em seu surgimento, ele cresce no horizonte e chega ao seu pico ao meio-dia, passando a uma curva descendente até o final da tarde, quando morre. A vida humana teria este mesmo caminho: crescimento, expansão e amadurecimento. Na metade da vida, obrigatoriamente, estaríamos nos dirigindo ao fim. A morte deveria ser nossa meta a partir desta fase e, por tal motivo, Jung coloca que só permanece realmente vivo quem estiver disposto a morrer com vida. E talvez esse seja o maior ensinamento do amor: poder suportar um silêncio sem resposta presente na perda, um silêncio, como diria Jung, que, em seu caso, só veio como resposta na forma de sonhos.

4.4. O processo de individuação e a necessária elaboração do luto

Individuação para Jung é o processo do desenvolvimento psíquico em que se mobilizam as forças do inconsciente coletivo (arquétipos) e do inconsciente pessoal, possibilitando a aproximação das forças inconscientes e das conscientes. Nesse processo as forças inconscientes se apresentam de forma simbólica na consciencia ativando a imaginação e as ações humanas. O processo de individuação possibilita

o desenvolvimento do ego que fortalece a persona (involucro do ego), mas também mobiliza ir além do Ego, isto é, não se fixar na persona (máscara) e deixa que outras forças do inconsciente venham à consciencia revelando lados desconhecidos da Psique num movimento constante em busca da integração (Self).

Para a pessoa prosseguir no seu processo de individuação, é necessário que se desprenda da persona (da rigidez do Ego) e que possibilite que outras forças inconscientes venham à tona, opostas àquelas que a pessoa já elaborou conscientemente. Este contato com outras forças se apresenta como a sombra que a pessoa deverá atravessar para continuar no seu processo de transformação. Este encontro de forças opostas, este contato com outro lado da Psique requer viver o ritual de passagem de morte do que já se conhece (persona) de perdas e de renascimentos, diante do novo que emerge à consciencia.

Para que este processo de individuação ocorra, é necessário que se elabore o luto diante das perdas.

Jung destaca esta questão da perda e da morte considerando as características das personalidades das pessoas que podem se enrigecerem ou se alterarem e como é necessário estar atento a estas diferenças no processo de individuação e nas elaborações sobre as perdas (luto).

CAPÍTULO V

TIPOS DE PERSONALIDADE (JUNG) E DERIVAÇÕES DOS ESTILOS COGNITIVOS AFETIVOS (FAGALI): DIFERENTES DEFESAS E FORMAS DE ELABORAÇÃO DO LUTO

Existem bilhões de pessoas no planeta e muitos tipos de personalidades diferentes, algumas são introvertidos, outras extrovertidas, algumas se guiam pela lógica e outras pelos sentimentos.

Em um mundo com tanta diversidade, como aprendemos a lidar com os aqueles que são diferentes?

E como aprendemos a entender e aceitar quem nós somos?

Carl Gustav Jung

Em 1921 Jung trouxe uma contribuição fundamental para o entendimento da tipologia humana, ao escrever um de seus mais importantes trabalhos, o livro “Tipos Psicológicos”, na concepção de Jung:

“Tipo é uma disposição geral que se observa nos indivíduos, caracterizando-os quanto a interesses, referências e habilidades. Por disposição deve-se entender o estado da psique preparada para agir ou reagir numa determinada situação.” Jung (1967: 551). Ainda segundo Jung, “Tipo é um aspecto unilateral do desenvolvimento.” Jung (1971a: 477).

Jung (1967) chamou os tipos gerais de disposição de introvertido e extrovertido. A distinção que Jung faz entre introvertidos e extrovertido reside na direção que seus interesses possuem e no movimento da libido, que Jung entende como sendo energia psíquica. Podemos, então, entender extroversão como o enfoque dado ao objeto e introversão como o enfoque dado ao sujeito. Assim, em relação ao tipo introvertido e extrovertido ele revelou: “um encarrega-se da reflexão; o outro, da iniciativa e da ação prática.” Jung (1971b: 47).

Na extroversão, a energia da pessoa flui de maneira natural para o mundo externo de objetos, fatos e pessoas, em que se observa: atenção para a ação, impulsividade (ação antes de pensar), comunicabilidade, sociabilidade e facilidade de expressão oral. Extroversão significa “o fluir da libido de dentro para fora.” Jung (1967:48). O indivíduo extrovertido vai confiante de encontro ao objeto. Esse aspecto favorece sua adaptação às condições externas, normalmente de forma mais fácil do que para o indivíduo introvertido.

Segundo Jung nenhum ser humano é exclusivamente introvertido nem extrovertido: “ambas as atitudes existem dentro dele, mas só uma delas foi desenvolvida como função de adaptação; logo podemos supor que a extroversão cochila no fundo do introvertido, como uma larva, e vice-versa.” Jung (1971b: 48).

Na visão de Jung, o Tipo Psicológico de um indivíduo é determinado pela introversão ou extroversão, e por quatro funções conscientes que o ego habitualmente emprega as funções psíquicas.

Para Jung, a comunicação entre as pessoas sempre apareceu como um tema significativo. O outro não é tão semelhante a nós, ao contrário, ele nos é completamente distinto. Não é incomum ouvir a esposa dizer que não entende o marido e a mãe queixar-se de desconhecer o filho. Também nas relações de trabalho e amizade surgem desencontros, que deixam cada pessoa surpresa diante das reações do outro. Jung deteve-se na observação desse problema e apresentou sua contribuição a fim de que possamos orientar melhor dentro dos quadros de referência do outro. Jung escreveu: “não creio de modo algum que minha classificação dos tipos seja a única verdadeira ou a única possível”.

Jung deu-se conta de que dentro de cada uma das duas atitudes típicas havia muitas variações. Um introvertido podia diferenciar-se de outro, embora ambos reagissem de modo semelhante face aos objetos. O mesmo ocorreu no grupo dos extrovertidos. Jung foi observando até concluir que essas diferenças dependiam da função psíquica que o indivíduo usava para adequar-se ao mundo exterior.

São quatro essas funções de adaptação, espécie de quatro pontos cardeais que a consciência usa para fazer o reconhecimento do mundo exterior e orientar-se: *sensação, pensamento, sentimento e intuição*.

Todos nós possuímos as quatro funções, porém uma apresenta-se mais desenvolvida e mais desperta que as outras três, por isso é chamada de função

principal. Toda pessoa utiliza de preferência sua função principal, pois a manipulando consegue melhores resultados na luta pela sobrevivência. Ideal seria que as quatro funções se desempenhassem na mesma proporção, isso, porém, raramente acontece. Na maioria das pessoas, só uma função se sobressai, roubando energia das outras. Jung chega a admitir que a atividade dessas funções, quando se realiza em níveis muito diferentes, pode causar perturbações neuróticas. Se uma função não é empregada, diz ele, há o perigo de que escape de todo ao manejo consciente, tornando-se autônoma e mergulhando no inconsciente, onde vai provocar ativação anormal. Isso diz respeito especialmente à quarta função ou função inferior.

A Sensação e a Intuição são funções irracionais, uma vez que os acontecimentos são apreendidos diretamente, sem interferência de uma análise.

A função sensação é a função dos sentidos, a função do real, a função que traz as informações (percepções) do mundo através dos órgãos dos sentidos. Pessoas do tipo Sensação acreditam nos fatos, têm facilidade para lembrar-se deles e dão atenção ao presente. Essas pessoas têm enfoque no real e no concreto, são voltadas para o “aqui - agora” e costumam serem práticas e realistas. Preocupam-se mais em manter as coisas funcionando do que em criar novos caminhos.

O oposto da função sensação é a função Intuição, onde a percepção se dá através do inconsciente e a apreensão do ambiente geralmente acontece por meio de “pressentimentos”, “palpites” ou “inspirações”. Os sonhos premonitórios e as comunicações telepáticas via inconsciente são algumas das propriedades da intuição. A intuição busca os significados, as relações e possibilidades futuras da informação recebida. Pessoas do tipo intuição tendem a ver o todo e não as partes, e, por isso, costumam apresentar dificuldades na percepção de detalhes.

As funções Pensamento e Sentimento são consideradas racionais por serem sensatas e por serem influenciadas pela reflexão, determinando o modo de tomada de decisões. Estas funções são também chamadas de funções de julgamento, responsáveis pelas conclusões acerca dos assuntos de que trata a consciência. Se nas funções perceptivas a palavra é a apreensão, nas funções de julgamento a palavra é apreciação.

A função Pensamento estabelece a conexão lógica e conceitual entre os fatos percebidos. As pessoas que utilizam o Pensamento fazem uma análise lógica e

racional dos fatos: julgam, classificam e discriminam uma coisa da outra sem maior interesse pelo seu valor afetivo. Procuram se orientar por leis gerais aplicáveis às situações, sem levar em conta a interferência de valores pessoais. Naturalmente voltadas para a razão, procuram ser imparciais em seus julgamentos.

A função racional que se contrapõe à função Pensamento é a função Sentimento. Quem usa o Sentimento julga o valor intrínseco das coisas, tende a valorizar os sentimentos em suas avaliações, preocupa-se com a harmonia do ambiente e incentiva movimentos sociais. Utiliza-se de valores pessoais (seus ou de outros) na tomada de decisões, mesmo que essas decisões não tenham lógica do ponto de vista da causalidade. Para Nise da Silveira, a pessoa que utiliza a função Sentimento “estabelece julgamentos como o pensamento, mas a sua lógica é toda diferente. É a lógica do coração”. Silveira (1988: 54).

As quatro funções podem ser extrovertidas ou introvertidas e resultam oito tipos psicológicos: Pensamento extrovertido, sentimento extrovertido, sensação extrovertida, intuição extrovertida; pensamento introvertido, sentimento introvertido, sensação introvertida, e intuição introvertida.

Podemos utilizar, como um importante recurso no manejo de crianças e adolescentes enlutados que estejam apresentando dificuldades no desempenho escolar, indicadores sobre operações mentais e reações afetivas nos diferentes tipos de personalidade. Para o enfoque psicopedagógico é significativo considerar as derivações que Fagali apresenta com as denominações de estilos cognitivo-afetivos.

5.1. Derivações dos estilos cognitivo-afetivos e as defesas que tendem a apresentar diante da morte e elaboração do luto.

Neste capítulo ressaltamos as diferenciações colocadas em destaque sobre estilos cognitivo-afetivos pela psicóloga e psicopedagoga Eloisa Quadros Fagali que se derivou dos conceitos de Jung sobre tipos psicológicos ampliando as conceituações, considerando outras contribuições psicológicas sobre as diferenciações do pensamento e de posturas, segundo um enfoque fenomenológico, que não busca classificações, mas as diferenças de posturas, defesas e pensamentos que se revelam no processo de aprendizagem.

Fagali, em suas pesquisas psicopedagógicas diferencia os estilos cognitivo-afetivos dos aprendizes, inspirados na tipologia de Jung. A referida autora aprofunda sobre as variações das formas de aprender e as diferentes características cognitivas e afetivas predominantes nos aprendizes, crianças, adolescentes e adultos que destacando as predominâncias de habilidades cognitivas, e de atitudes, motivações resistências do ponto de vista afetivo. Pesquisou as diferenciações considerando os seguintes aspectos cognitivos e afetivos que predominam no comportamento e aprendizagem dos aprendizes que se apresentam com diferentes estilos, destacando os seguintes aspectos:

- Fatores associados à cognição: atenção, memória, raciocínio, expressão verbal e não verbal, criatividade e aptidões, aspectos neurológicos.
- Fatores associados à afetividade: motivação, interesse, defesas, relação Afetiva, habilidade Social.

Neste trabalho tentarei resumi-los no intuito de auxiliar a nós educadores lançarmos mão deste recurso que poderão nos ajudar a diferenciar as diferentes formas das pessoas a se defenderem, reagirem e aprenderem diante das circunstâncias em que os aprendizes se encontram frente às solicitações do meio. (falta algum recurso coesivo)Aspecto que colocarei em destaque no presente trabalho considerando as diferentes defesas das pessoas diante do impacto da morte de diferentes dimensões e os recursos que utilizam para elaborar o luto gerado pela perda.

Estes são apenas alguns, dentre muitos estilos que utilizamos para podermos agir com maior flexibilidade no mundo. A tipologia de Jung, com as categorias introversão e extroversão, e suas quatro funções psíquicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição podem fornecer pistas para um melhor entendimento das questões relacionadas ao desempenho escolar, principalmente quando a criança e adolescente estão vivenciando um momento tão delicado como o luto, sugerindo ferramentas para ajudar professores e psicopedagogos a se aproximar de seus aprendizes e conhecer suas personalidades. Pesquisando os tipos psicológicos, estudiosos do comportamento descobriram que as pessoas, além

de terem interesses, valores e necessidades diversas, também aprendem de modos diferentes. Fagali amplia a concepção das diferenças considerando outros fatores de natureza cognitiva e afetiva e as possíveis alterações das pessoas no seu processo de transformação, utilizando a terminologia de “estilos”.

Do ponto de vista semântico, a palavra derivada do latim "stilus" se associa à feição especial ou ao caráter de uma produção escrita, ou à maneira especial de exprimir os pensamentos e de se expressar na escrita. Nos estudos que fundamentam esta pesquisa, o significado de estilo se amplia, associando-se a certa forma do sujeito se revelar no seu contato consigo próprio e com o outro (FAGALI, 2000, p. 10).

Não querendo esgotar estas diversidades e nem colocá-las como uma entidade que defina pessoas, enquadrando-as abrir estas quatro portas pode libertar as pessoas de uma visão unidirecional reduzida, possibilitando a maior flexibilidade, maiores possibilidades de criação, além de fortalecer o seu estilo criativo e estético predominante. (Fagali 2010).

Portanto, apesar das diferenciações desses estilos terem sido inspiradas, inicialmente, nas referências sobre tipos psicológicos, segundo Carl Jung, os desdobramentos sobre as diferenças e conexões com os processos cognitivos e afetivos ampliam as elaborações e discriminações, sem uso de categorizações padronizadas, pois as diferentes características ao se cruzarem ou se combinarem, em função do momento existencial das pessoas e diferentes contextos culturais, ganham matizes específicas. Nesse sentido, os estilos de aprendizagem, aqui apresentados, são passíveis de alterações e integrações em uma perspectiva fenomenológica.

Considerando os processos cognitivos e afetivos, o estilo dominante e persistente relaciona-se a uma forma de captar e processar a realidade, usando predominantemente um tipo de pensamento e inteligência; um jeito próprio de se expressar mediado por uma determinada linguagem, verbal ou não verbal; uma tendência a utilizar determinados padrões comportamentais e mecanismos de natureza afetiva, e reações defensivas e formas de dialogar com as emoções. Dessa maneira, conceituam-se os estilos cognitivo-afetivos, com enfoque fenomenológico, sem deixar de se considerar a psicodinâmica e as diferentes construções do pensamento, habilidades mentais e expressões criativas.

Nesta concepção, o enfoque fenomenológico diz respeito à singularidade do sujeito de captar e processar a realidade, no contato consigo próprio e com o outro, usando um "jeito singular" de processar o conhecimento, sentir e expressar-se, mediado pela linguagem verbal e/ou não verbal, tudo isto associando-se às diferentes características que envolvem os requisitos para uma boa aprendizagem como: atenção, memória, percepções, construção do pensamento, relação afetiva, defesa, interesses e expressões criativas.

Segue abaixo as características cognitivas e afetivas próprias dos diferentes estilos cognitivo-afetivos dos aprendizes, considerando os desdobramentos que Fagali e equipe de pesquisa de psicopedagogos (2010) considerou inspirados nos estudos sobre tipos psicológicos de Jung e outros pensamentos associados às diferentes formas de pensar de Gardner e Morin. São essas:

1. ESTILO COGNITIVO-AFETIVO SUBJETIVO

- **MEMÓRIA** – Memória evocativa: lembranças através da experiência afetiva carregada de subjetividade, em situações carregadas de emoção, conflituosas ou que requerem uma identificação e escolha.

- **ATENÇÃO** - Atenção analítica, particularizada: deslocamento de imagens com fixações nas vivências e emoções que permitam projeções do vivido e do experienciado; lembranças das particularidades pessoais.

- **MOTIVAÇÃO** - Histórias carregadas de sentido ético e moral sobre o certo e o errado. Tende a lidar com as particularizações (escutar e contar casos). Atividades onde há espaço para a troca de histórias, jogo dramático.

Na extroversão envolve-se com dinâmicas interativas que mobilizam os vínculos afetivos. Na introversão mobiliza-se com atividades que possibilitam o autoconhecimento, projeções de sentimentos internos e identificações.

- **RACIOCÍNIO** - Raciocínio Indutivo, sempre saindo da particularidade, através de muitos exemplos de casos. Inteligência emocional, discriminação das emoções;

Precisa particularizar a teoria, para compreender.

Ficar só no genérico e teórico dificulta a compreensão; aprendizagem marcada pela relação com o outro.

- **EXPRESSÃO** - Uma tendência ao estilo artístico expressionista, indo para além das proporções lógicas, do que se considera como boa forma; tende a ressaltar, por meio das cores e deformações das figuras, as emoções projetivas e a subjetividade.

Expressa na literatura, o estilo que envolve as questões morais, éticas, os valores, as questões psicológicas das personagens, o “contar casos”, o texto narrativo, que apresenta a trajetória das personagens;

As fábulas que projetam valores humanos, mesmo através de metáforas (apoio na intuição), as crônicas que relatam experiências vividas na primeira pessoa. Na música o romantismo.

- **RELAÇÃO AFETIVA** - Relação afetiva centrada na elaboração do eu, com necessidade de se escutar ou de ser escutado, de trazer seus desejos e de ser valorizado em sua singularidade.

Na extroversão, emerge a necessidade de alimentar-se a partir das emoções que vêm de fora, ou de expressar-se, por meio das apreciações do outro, em relação a si próprio.

Na tendência introvertida a pessoa se afasta do vínculo com o outro, em busca do vínculo consigo sem perder o contato empático com o outro.

- **DEFESAS** - No momento do conflito, as tendências extrovertidas buscam um afastamento da situação ameaçadora, com projeção do negativo no outro (desvalorização do outro). Com grande poder empático, tende a usar a sedução para se defender.

No movimento mais introvertido, busca a autoanálise diante dos conflitos.

O mecanismo de defesa favorece a fixação no papel de “vítima”, ou de “onipotente” (o que pode segurar tudo).

Outra tendência refere-se à regressão, à volta a um ponto fixo no passado em que se sente apoiado, o que pode levar as fixações, ao excesso de saudosismo e nostalgia, ou infantilidade, protegendo-se de uma situação presente. Por outro lado, tende a se sensibilizar pelas emoções do meio e do outro, sendo porta vozes do que precisa ser dialogado nas situações afetivas.

Pela sua sensibilidade é propício a ser bode expiatório familiar, sensível, carregando as emoções e conflitos da família.

2. ESTILO COGNITIVO-AFETIVO PENSAMENTO

- *MEMÓRIA* - Memória associativa: lembranças por associações lógicas, organizações, definições, classificações e seriações de significados (apoia-se nas operações lógicas).

- *ATENÇÃO* - Atenção sintética articulada à analítica: capta as abstrações, os princípios gerais, buscando abstrair, compreender e explicar.

Busca as análises e sínteses apoiadas nas explicações e fundamentações teóricas.

- *MOTIVAÇÃO* - Problematização, desafio do raciocínio, enigmas. Mobilização motivacional associada à compreensão, explicação teórica.

Manifesta prazer em saber o porquê das coisas.

Na extroversão, manifesta o prazer do saber com vista na aplicação;

Na introversão há uma tendência a se envolver com o prazer pelo próprio saber teórico.

- *RACIOCÍNIO* - Raciocínio dedutivo, a partir de princípios e leis gerais. Raciocínio lógico, teórico com grande capacidade para as abstrações;

Na extroversão busca a articulação dos fatos por meio das teorizações.

Na introversão as deduções teóricas ocorrem sem necessitar articular a prática com os fatos.

- *EXPRESSÃO* - Uma tendência ao realismo, com preocupação com os conceitos implícitos nas mensagens, em busca das polêmicas teóricas, críticas genéricas, argumentos associados aos princípios em qualquer área do conhecimento.

Na literatura, as dissertações, exercitando recursos argumentativos, discutindo pós e contras, exemplos e contraexemplos.

Os romances policiais, com tramas lógicas, com pistas para a dedução de enigmas.

Na música a reversibilidade, o dedutível, estudo da sonoridade sequencial.

- *RELAÇÃO AFETIVA* - A afetividade é mediada pela compreensão teórica, pela busca do significado do que está sentindo, à procura de explicações

conceituais para poder lidar com a emoção. Há uma contribuição para a relação afetiva, por meio das ponderações nas avaliações dos prós e contras, calcados em princípios teóricos e não nas particularidades e na subjetividade.

Há uma facilidade para lidar com a tendência a paternagem, segundo os princípios analíticos, considerando os limites, a disciplina, a necessidade de lidar com as discriminações, e com o estruturante, não se perdendo nas emoções e subjetividade.

As diferenciações entre o introvertido e extrovertido, referem-se apenas a uma mudança de atitude: a introversão mobiliza a busca compensatória nas teorias e na extroversão a tentativa de lidar com o outro pela racionalização.

- *DEFESAS* - Diante da tensão e do conflito, tende a mobilizar a atenção e a reflexão para o deslocamento do ponto de tensão para outras ideias, justificativa e teorizações.

O distanciamento das emoções é frequente por ter mais dificuldade de dialogar com as mesmas. Devido a este apoio no pensamento racional, tende a defender-se com excessos de racionalizações, generalizações e teorizações que possibilitam fugir dos sentimentos que envolvem a situação conflituosa.

Devido à grande intelectualização há uma tendência a abusar dessa habilidade mental, gerando uma cisão entre o emocional e o pensamento, o que dificulta uma integração destas duas dimensões, nas situações conflituosas. Por outro lado, diante de situações de pânico ou de grande emoção, manifesta uma tendência saudável para articular e organizar, por meio da teorização e da objetividade.

3. ESTILO COGNITIVO-AFETIVO SENSORIAL PERCEPTIVO

- *MEMÓRIA* - Memória visual, auditiva, mecânica: lembranças apoiadas no ato de decorar, com apoios sensoriais ou mecânicos (visual, auditivo, cinestésica, olfativa).

- *ATENÇÃO* - Atenção focada: captação do conhecimento ou das informações mapeando, ponto a ponto. Uma atenção pontual, do fenômeno observado. Na atitude introvertida focaliza muito a escuta, a observação e as sensações cinestésicas.

- **MOTIVAÇÃO** - Gosta da rotina, do ato de executar a tarefa, de repetir. Interessa-se por atividades que envolvem manipulação sensorial e o ato de fazer.

Nas tendências introvertidas a motivação envolve as sensações corporais e cinestésicas: toques, massagens, relaxamentos, contatos com a natureza, animais, plantas, lidar com a terra, a tinta, os alimentos. Fixam-se com muito envolvimento, emocionando-se em ações cuidadosas e refinadas, que exigem paciência e brincadeiras corporais.

Na extroversão motiva-se com as ações e as manipulações, é o ato de fazer. A busca de resultados utilitários e produtos, tendo como apoio modelos, padrões concretos externos.

- **RACIOCÍNIO** - Raciocínio Indutivo, partindo do particular para o geral, da concretude para as conclusões gerais.

Pensamento que parte da observação, manipulação e experimentação para as conclusões gerais.

Um raciocínio que requer observar cada fato, focalizar ponto por ponto, organizar de forma metódica, linear e sistemática.

A organização é um fator fundamental seja na extroversão ou na introversão. Há necessidade de observar os fatos externos, os modelos existentes.

- **EXPRESSÃO** - Uma tendência ao Figurativo (impressionismo ou fotografias) a expressão do descritivo -desenho focando formas, cores, luzes, texturas, com preocupação estética em relação aos recursos sensoriais e não ao assunto ou conceitos relacionados.

Na música, a tentativa de retratar o percebido através de sons e exploração de timbres, batidas, sons sintetizados, etc.

Na literatura, exploração da descrição de lugares, personagens, ações, romances, cenas ou poesias, apoiado nas ações, e nas sensações visuais, cromáticas, olfativas, sonoras.

- **RELAÇÃO AFETIVA** - Relação afetiva centrada na referência externa, na produção concreta, nas necessidades da presença do outro.

No movimento introvertido, o afeto passa pelas sensações corporais, pela reciprocidade sensorial e nas interações com o outro.

Na extroversão o afetivo se manifesta na ação, no suporte, sempre mobilizado pelo fazer para si e para o outro, no compromisso com o cotidiano, com a manutenção das ações.

É de fundamental importância para o vínculo afetivo a presença concreta do objeto amado.

Tende a buscar modelos no seu processo de identificação.

Na introversão as compensações afetivas referem-se ao diálogo com o próprio corpo e contatos com as sensações do outro.

No movimento extrovertido, há uma tendência à ação com vistas no controle sobre o outro para mantê-lo presente.

- *DEFESAS* - Diante do conflito, na extroversão, há uma tendência de a pessoa assumir o controle da situação por meio da organização, da exigência da presença do outro, da posse e do controle do outro, ou de paralisar o corpo e anestesiá-lo, se estiver em condições mais introvertidas.

Devido a necessidade de buscar as referências externas, diante da ameaça, tende a prender-se no produto, nos resultados, nos modelos e receitas.

Por ter uma grande capacidade de objetividade e de adaptação às condições externas, pode usar esse recurso de forma exagerada, caracterizada como uma modalidade de aprendizagem hiperacomodatória, acomodando-se às solicitações do ambiente e do outro, a ponto de se submeter a essas exigências externas, negando suas necessidades e possibilidades de assimilação.

Por outro lado, esta capacidade de observar e estar atento aos fatos possibilita utilizar recursos objetivos para sair do conflito.

O movimento de introversão mobiliza a paralisação, o que gera passividade total ao buscar uma condição corporal para ativar as suas sensações e observações, diante da ameaça.

4. ESTILO COGNITIVO-AFETIVO INTUITIVO IMAGINÁRIO

- *MEMÓRIA* - Memória associativa imaginária, vaga e global. Fixa na visão do todo, do essencial, nas captações sintéticas, difusas, sem detalhes. Evocação mnemônica por associações simbólicas e metafóricas.

- *ATENÇÃO* - Atenção exploratório-panorâmica imaginária: descentração da atenção, com associações e relações imaginárias. Capta o todo e as mensagens subliminares (inconsciente): movimentos simultâneos e inclusivos.

- *MOTIVAÇÃO* - A motivação ocorre diante do que poderá ser criado, do novo, do impensado, do mistério, do inexplicável, do absurdo; tende a se envolver com associações livres, apoiado na imaginação, metáforas, no jogo das possibilidades.

São motivações que negam a rotina, o repetitivo. Busca sempre as variações e as mudanças. Na introversão, busca o devaneio e a fantasia.

Na extroversão busca os recursos criativos visando a aplicação das possibilidades criativas na realidade.

- *RACIOCÍNIO* - Raciocínio em bloco ou em rede, por múltiplas conexões, saindo do pensamento linear em busca do novo que se revela.

Pensamento que busca novas ordens, com um senso de organização que, muitas vezes se apresenta caótico.

Pensa e organiza facilmente com as metáforas e o não verbal. Pela livre associação e insights as soluções emergem.

Há certa dificuldade de partir de organizações verbais mais lineares. Há uma tendência às conexões telepáticas inconscientes, associações por metáforas (sabedoria dos sonhos). Uma forma de pensar que lida com o múltiplo; com captações simultâneas e sincrônicas: insights instantâneos e inconscientes.

- *EXPRESSÃO* - Uma tendência ao surrealismo, futurismo, expressões marcadas pelos símbolos e metáforas (onírico) relacionando imagens, interpretações e mantendo a questão em aberto sem finalizações, sugerindo possibilidades.

Poesias metafóricas abertas, não assertivas, onde se mantém o suposto;

Músicas e composições simbólicas, sem detalhes captando essências, constelações e conexões de sensações e imagens, sem uma conexão entre o antes e depois, abrindo possibilidades criativas.

- *RELAÇÃO AFETIVA* - A relação afetiva com o outro é apoiado em recursos imaginários.

Tende a manter o vínculo afetivo pela fantasia, idealização ou pela presença de algo simbólico que possa substituir a presença concreta.

O vínculo com o outro e consigo próprio é alimentado pelo imaginário e expectativas sobre possibilidades.

Compensa-se afetivamente com tendências a captar algo que ainda não existe, ou que “está escondido”, através dos sonhos e das infinitas possibilidades de ser e de viver.

As diferenças entre introversão e extroversão estão na forma de mobilizar as fantasias e a capacidade criativa.

Na extroversão busca-se o contato de forma criativa e imaginária; na introversão cria-se um mundo imaginário de personagens para manter outra dimensão de vínculo.

- **DEFESAS** - Diante das ameaças, a pessoa tende a sair da situação ameaçadora, ativando o imaginário e a fantasia, criando analogias, mundos paralelos e desconectando-se do que está provocando o medo.

A busca do imaginário e da fantasia se constitui como a defesa predominante que pode ser saudável ou prejudicial ao desenvolvimento das pessoas.

Esta ativação do imaginário pode possibilitar a criação de novos caminhos e saídas, para lidar com o conflito, mas, por outro lado, a exacerbação do imaginário pode levar a uma postura de negação da realidade.

Por exemplo, as defesas diante das ameaças, ativam os recursos do imaginário para lidar com o sentimento, por meio da criação do amigo imaginário, ou de mundos e situações imaginadas que podem gerar criações imaginárias saudáveis, ou podem levar a pessoa a afastar-se das condições reais necessárias para o desenvolvimento humano.

Segundo Fagali (2000), podem-se fazer algumas relações entre um determinado tipo psicológico (descrito por Jung) e sua forma de aprender.

Dessa forma, na *função sentimento* em situação de aprendizagem o objeto do saber tende a ser avaliado de forma dual, bom-mau, feio-bonito, sendo a aprendizagem significativa em função destes valores. Os desenhos são associados a relações vinculares e projeções emocionais. O espaço é visto como um contexto de conflito ou de responsabilidades de relações vinculares, onde se projetam sentimentos. Apresentam-se associados ao vivido no passado. A subjetividade é

predominante ao expressar e captar as emoções, ao interpretar ou criar textos. O princípio do gostar e do não gostar rege as relações. Na escrita, na leitura e composição de textos, predomina o juízo de valor, o posicionamento subjetivo da realidade associada a ética, ao prazer e desprazer. A narrativa predomina, e os temas mais envolventes são os conflitos da personagem.

Para o aprendiz, com função superior sentimento, que esteja vivenciando um luto, sugiro abrir espaço para que ele possa mobilizar seus sentimentos, escutá-lo, deixar que ele expresse suas emoções, raiva, indignação, medo, ódio, amor são essenciais para que ele possa elaborar seu luto.

Na *função pensamento* em situação de aprendizagem o objeto do saber é sempre associado a pergunta: “por quê?”, “para quê?” ou “o que é?”. Os desenhos se apresentam de forma conceitual, esquemática e explicativa. Há presença de uma explicação com causas e efeitos. Utilização demasiada de conceituações e definições. Valorização temporal do antes e depois. Reflexões teóricas. A compreensão dos fatos por meio de desafios e enigmas lógicos são elementos motivadores. Nas demonstrações dedutivas e sistematizações passo a passo dos processos de raciocínio. Pesquisas de causa e efeito em relação aos estudos humanos e sociais.

No luto do aprendiz pensamento, atividades que possibilitem acionar sua intelectualidade e mecanismos de racionalização são importantes na elaboração do luto. Livros que falem da morte e frustrações e que possa propiciar um diálogo interno ajudam a atenuar a sua dor.

Na *função perceptiva* em situação de aprendizagem há ênfase na observação, na procura da objetividade dos fatos. O contato com as propriedades sensoriais do objeto, buscando uma descrição objetiva, como se pudesse captar as suas forças. Tende a descrever as sensações internas, sensoriais, corporais provocadas pelos objetos; ou a descrever as propriedades do mundo externo. O desenho é expresso em formas e cores. Há preocupação pelo estético, pela boa forma. A ênfase temporal está no presente, no imediato. A escrita se manifesta com um estilo descritivo, trazendo atributos sensoriais (sons, formas, espacialidade), ou prendendo-se a ações das personagens ou a descrições do ambiente. As frases se

apresentam com poucas articulações e períodos longos. Nos conteúdos a tendência é buscar o empírico, fórmulas concretas, práticas e econômicas, sem muitas elaborações e explicações teóricas. As reflexões são mais pragmáticas e imediatistas.

O aprendiz com função superior sensorial-perceptiva busca a elaboração do luto executando algo, se organizando ou buscando o movimento, o relaxamento corporal e atividades relacionadas ao sensorial. Trabalhar com argila, desmontar ou quebrar material para reconstruir, rasgar papéis, massinha, enfim, atividades que possibilitem recursos plásticos e lúdicos que possa lhe remeter às sensações de morte e reconstrução.

Na *função Intuitiva* em situação de aprendizagem as pessoas tendem a entrar em contato com as totalidades e generalidades. São atraídas pelo que ainda não existe, o oculto, o místico. Elas encontram satisfação no diálogo como jogo do possível e da fantasia, que transcende o aqui e agora. Estão voltadas para o futuro e para as origens misteriosas e hipotéticas. Na escrita, tendem ao jogo de associações, da estimativa, chegando muitas vezes à ficção, ao futurismo. Apresentam associações abundantes de viagens imaginárias e estimativas, mas as construções muitas vezes parecem vagas, soltas, pouco precisas. Suas estruturas linguísticas se apresentam de forma indireta, com muitas metáforas e com uma ordem toda própria que foge à linearidade. Os períodos tendem a ser longos, com poucas articulações. Resistem perante o preestabelecido, planejado e controlado antecipadamente. Não há uma tendência a focar ou a se envolver com as propriedades do fenômeno, no presente, no real, no “aqui e agora”, tendendo a desviar sempre para estimativas, além do presente. Há uma grande motivação para o uso de diferentes linguagens, principalmente o não verbal. As artes e as metáforas são grandes facilitadoras para as possibilidades de expressão. A história tem um colorido especial, quando enfatiza as origens e as extrapolações futuras. As artes ocupam um espaço de grandes possibilidades para sua expressão.

Ajudar a elaborar o luto com o aprendiz que tenha como função superior a intuição é possibilitar transformações e criações simbólicas. Essas pessoas mobilizam o imaginário, as fantasias e possibilidades futuras. Acionam a intuição como defesa e buscam nos mitos, contos e crenças, elaborações essas que entram

a imaginação e as possibilidades de transformação que podem ocorrer através da morte, sublimando a perda.

É importante perceber o quanto o aprendiz faz uso de suas funções e navega entre elas sem se restringir e se cristalizar em nenhum destes estilos, sem se esquecer de valorizar e trabalhar suas funções auxiliares e inferior, que, aliás, podem ser um canal facilitador para o aprendiz se expressar e ajuda-lo na elaboração de seu luto.

Em um processo de luto pode acontecer situações de bloqueios na aprendizagem. Valorizar a função que este aprendiz traz como facilitadora para auxilia-lo na ampliação das suas possibilidades de aprender é um instrumento para o educador criar condições no aprender, mobilizando essas diferentes funções, abrindo espaços para desenvolver processos de intervenções, de forma a levar cada aprendiz e educador a descobrir quais aquelas funções que vão se manifestando mais espontaneamente na relação de aprendizagem, em meio à diversidade de experiências.

O importante é não se enrijecer diante dessas elaborações, mantendo-se sempre abertos a novas hipóteses. O próprio Jung reconsidera nas suas obras posteriores as limitações de um conhecimento sobre uma dinâmica fechada da personalidade associado à tipologia que ele propôs.

Desenvolver a investigação da heterogeneidade cabe a qualquer premência do existir, no anseio em encontrar o ponto de equilíbrio do ser humano, seja na ótica da saúde, da educação, da ética, como também do religioso, político, social e científico.

CAPÍTULO VI

ENTREVISTAS COM PSICOPEDAGOGOS, PSICÓLOGOS E DISCUSSÃO DOS TEMAS SOBRE ESCUTA TERAPEUTICA-EDUCACIONAL DIANTE DA MORTE E DA ELABORAÇÃO DO LUTO

A pesquisa foi realizada através de questionário e entrevistas a profissionais terapeutas e educadores seguindo-se de um procedimento sobre análise qualitativa das respostas derivando-se nos temas de discussões apresentadas em que se articularam com as fundamentações teóricas do presente trabalho em relação às mortes, suicídios e elaboração do luto, com foco nas contribuições da psicopedagogia e das diferentes intervenções terapêuticas.

6.1 Procedimentos sobre a análise qualitativa das respostas:

Foi realizada uma análise das respostas a entrevistas feitas com professores, psicólogos e psicopedagogos, destacando os diferentes núcleos de sentidos. Considera-se Núcleo de Sentidos os significados comuns e complementares que os entrevistados apresentaram. Utilizei o Núcleo de Sentido segundo a metodologia de Laurence Bardin que fez uma análise de conteúdo das respostas dos sujeitos pesquisados trazendo um enfoque mais fenomenológico de pesquisa. Os procedimentos das análises qualitativas das respostas consistem no levantamento dos núcleos de sentidos das respostas, das hipóteses e do desdobramento dos temas para as discussões finais sobre as ideias dos entrevistados e articulações com os objetivos e fundamentos teóricos da presente pesquisa teórico-prática.

Portanto, a análise qualitativa das respostas foram feitas a partir de temas derivados dos Núcleos de Sentidos das respostas dos entrevistados, com análises comparativas, em relação aos pontos de convergência, diferenciações e complementações em relação às experiências, pensamentos e sugestões dos entrevistados sobre o luto e suas elaborações, nas intervenções terapêuticas e no ambiente educacional.

Os quadros de análises qualitativas das respostas de cada entrevistado estão no anexo 1.

A partir dos núcleos de sentidos e que se desdobraram nas elaborações de hipóteses, apresentados na última coluna do quadro de análise, derivaram-se os seguintes temas para discussões e que serão analisadas considerando as respostas de cada sujeito e as comparações posteriores entre eles.

Serão explicitados a seguir os temas derivados das análises das respostas de cada sujeito entrevistado, para posteriores comparações e discussões gerais.

1. Entrevistado A

- Profissão: pedagoga, psicopedagoga com aprimoramento em reabilitação cognitiva.
- Gênero: feminino
- Formação: psicopedagogia clínica e escolar
- Anos de experiência profissional: 20 anos em educação, 6 anos em psicopedagogia

TEMA 1 - *Abrir espaço para as elaborações afetivas da criança diante da perda e referências implícita ou explícitas sobre estilos cognitivo-afetivos do aprendiz.*

A profissional A entrevistada apesar de não fazer alusão às diferenças de estilos, apresenta implicitamente, nos seus comentários, a necessidade de atenção e afeto da paciente que se apresenta com traços afetivos muito fortes necessitando das condições de vínculos para elaborar suas perdas, aspecto muito acentuado nos estilos cognitivo-afetivos empáticos e subjetivos em que a função predominante é o sentimento. Há, portanto, a necessidade de abrir espaço para as emoções fluírem e que a entrevistada usava usando principalmente os recursos da narrativa e do desenho. A profissional com formação psicopedagógica se mostrava atenta a escuta do outro para não haver as interrupções destes vínculos afetivos que se constituíam na terapia, apesar da mãe ter reproduzido a experiência de uma nova perda vivida pela criança, ao retirar bruscamente a criança da relação vincular que mantinha com a psicopedagoga, que buscava atenuar os problemas de aprendizagem apresentados pela criança e que parecia já existir antes da situação se

intensificarem, no momento em que iniciou a terapia psicopedagógica. Foi suposto pela entrevistada que esta paciente apresentava traços disruptivos psíquicos, psicopedagoga reconhecia a importância do espaço terapêutico para que as emoções da paciente fluíssem em relação aos sentimentos de morte, mas suas respostas, explicações e formas de intervenções focalizam mais intensamente as citações de atividades lúdicas, associadas ao desenvolvimento cognitivo da escrita e Leitura, com menos ênfases nos procedimentos e intervenções afetivas.

TEMA 2 - *O clima de ambiguidade e os segredos em torno da morte.*

A falta de informações, o desmentido em relação às cenas que envolviam as perdas dos entes queridos, no caso de suicídio teve destaque neste caso citado pela entrevistada, em que se apresentavam os sentimentos de ambiguidades sobre o desmentido, sobre o não dito na trama edípica entre criança pai e mãe. Fato que se supôs bloqueios, ou seja, impedimentos para a criança poder elaborar o luto em relação à perda do pai e outro que aparece na relação com a mãe e que possa substituir o pai, apesar de manter o segredo desta relação deste outro com a mãe. A psicopedagoga coloca em pauta esta questão no processo de luto desta criança, considerando estes referenciais teóricos psicanalíticos sobre as perdas bruscas dos pais e o suposto outro na relação triangular.

TEMA 3 - *Cuidados para não reprodução nas sessões das interrupções bruscas dos vínculos.*

Nas respostas da entrevistada A, esta ressalta a importância dos cuidados do terapeuta para que não gere reincidência da interrupção brusca de vínculos do paciente, gerando novos sentimentos de perdas sem possibilidade de elaborar o luto, mas que a mãe precipitou a reprodução gerando a repetição repete a experiência da perda dos vínculos afetivos precipitados sem possibilidades de elaboração da criança, provavelmente potencializando maiores dificuldades de manter um vínculo possível para as elaborações das perdas, da morte que viveu e que continua experimentando.

TEMA 4 - *Etapas do processo de luto: os contatos fantasmagóricos*

A entrevistada A trouxe as reações, após a perda, associada às etapas iniciais do luto, considerando informações da escola sobre comentários da paciente em relação a um suposto homem que ela escuta por telefone. A criança associa a voz à fala do fantasma do pai. Essas características estão muito presentes nas teorias sobre o luto, quando a criança, assim como o adulto, nega que houve uma perda e age como se a pessoa não tivesse morrido. Em consequência do “pensamento mágico” acha que o falecido pode ainda estar vivo. Respostas que velam o caráter de permanência da morte, não permitindo que a elaboração da perda e o processo de luto ocorram, porque a criança sempre espera a volta do falecido.

No entanto, não aparece nos comentários do psicopedagogo o quanto estes fantasmas emergiriam ou poderiam emergir na relação terapêutica diante das narrativas e desenhos. Portanto nas respostas do entrevistado ficou este aspecto não focalizado e só observado na análise posterior das respostas. Não houve possibilidades de tempo e espaço para ser retomada a entrevista a fim de se buscar a explicitação destes diálogos por meio das representações simbólicas expressas na relação terapêutica. Supõe-se também que o foco das intervenções psicopedagógicas, segundo o explicitado pela entrevistada, se referia mais ao desenvolvimento das habilidades cognitivas que em geral o psicopedagogo se ocupa nas sessões terapêuticas.

2. Entrevistado B

- Profissão: professora ensino fundamental em escola particular
- Gênero: feminino
- Formação: psicopedagogia
- Anos de experiência profissional: 26 anos

TEMA 1 - *Elaboração do luto com psicóticos e recursos psicopedagógicos sensoriais perceptivos e expressões não verbais com apoio dos estilos que*

mobilizam o contato com a dor: dimensão do sensorial do real associado à natureza.

A entrevistada B descreve sobre um paciente adolescente enlutado, de 16 anos, do sexo masculino, no nível escolar do primeiro ano do ensino. Segundo relatos, sofreu perdas associada à morte física da avó, que convivia com ele na mesma casa e que tinha uma relação afetiva muito forte. A profissional trabalhou com ele a elaboração de luto no tratamento terapêutico psicopedagógico.

Segundo relata a entrevistada, este paciente já apresentava um desempenho escolar baixo, anterior à perda. Havia um quadro de psicose, delírios e muitas vezes misturava realidade e fantasia.

A profissional trabalhou o luto associando às fases da vida de uma planta. Juntos criaram uma história de uma semente que germinava, nascia, crescia e morria. A terapeuta expressou sua crença de que o paciente tenha conseguido elaborar o luto ou pelo menos dar algum sentido possível para essa perda associada a morte física.

Hipotetizamos, portanto, conforme as reflexões teóricas de Jung e sobre estilos cognitivo-afetivos, que possibilitar associações de imagens carregadas de sentimentos, através de recursos metafóricos, como fez a profissional em questão, favoreceu a construção de caminhos para se integrar conhecimento e sentimentos, desenvolvendo de maneira integrada as habilidades cognitivas e socioemocionais do paciente e do terapeuta dentro de um “espaço social” de trocas significativas e intensas. A utilização de recursos metafóricos e das visualizações imagéticas (método muito valorizado por Jung) possibilita a configuração do espaço-tempo em que os protagonistas da cena pedagógica, aprendizes, educadores e terapeutas podem expressar e trocar suas opiniões, reflexões e sentimentos mais íntimos facilitados pela metáfora que atravessa às dores da morte que ocorrem na dimensão mais sensorial e concreta, com acesso as simbolizações que deixam vir as dores e as transformações da morte em vida.

TEMA 2 - Transferências e contratransferência na relação terapêutica no processo de elaboração do luto: o mito do curador ferido (Jung)

A profissional B vivenciou com este paciente um processo doloroso e bonito, ao mesmo tempo, pois na mesma época a profissional havia perdido o pai. Ocorreu então o que chamamos de contratransferência, algo da dor do paciente que afeta a

dor ou ferida do terapeuta. Enquanto a terapeuta trabalhou a dor do paciente, havia também o diálogo interno sobre os sentidos possíveis de seus sofrimentos. Conforme expressa a entrevistada era “um processo doloroso e belo” ao mesmo tempo. Experiência de transferência e contratransferência da dor e elaboração do profissional em relação a uma morte atual também vivida.

Com base nas fundamentações teóricas de Jung, esta experiência nos remete ao Mito de Quíron ou Chiron, como representação simbólica da dinâmica mutua inter-relacional associada à cura possível, ocorrida no processo terapêutico.

Segundo a mitologia grega, Quíron era um centauro que, ao contrário do que se esperaria de uma criatura com corpo de cavalo e ombros e cabeça de homem, era sábio e educado. Cabia-lhe a tarefa de educar heróis nas artes da música e da medicina; outros afirmam ainda ser ele caçador e escultor (Groesbeck, 1983). Quíron era um ser diferente, por não possuir a natureza selvagem característica aos outros centauros, era também imortal.

Apesar de ser um centauro, Quíron tinha algo muito atípico. Ele fora ferido por Hércules, que o acertou com uma flecha envenenada. No entanto, esse ferimento, não era como qualquer outro que ele próprio podia curar era uma ferida incurável, para a qual não havia remédio e, portanto, nada se podia fazer para curá-lo. Esse ferimento é muito significativo, pois foi justamente por ter se tornado portador de um sofrimento crônico que Quíron transformou-se em um exímio curador. Levando-se em conta o destino desse curador ferido e refletindo-se sobre o significado desse seu ferimento, poder-se-ia pensar que teria sido a partir de seu próprio sofrimento, incurável, que Quíron pôde entender a dimensão do sofrimento daqueles que curava.

Considerando-se a história do mito de Quíron e a proposição de se pensar o lugar do terapeuta e especificamente do psicopedagogo, pode-se considerar importante a perspectiva de cura sugerida pelo mito, uma vez que essa reflete a ideia de que "cura" seria um aprender a lidar com o sofrimento de forma saudável e enriquecedora, considerando esta dinâmica dialética entre terapeuta e paciente (Jung), uma dinâmica de encontro em que o terapeuta toca a ferida do outro e ao mesmo a sua própria, mobilizando a possível cura que depende de ambos.

O mito de Quíron destaca a importância de encarar nossas dores e feridas numa troca mútua de ambos que são tocados pelo sofrimento e pela possibilidade de vitalidade e saúde.

Outro aspecto que merece destaque se refere ao fato de que a negação não abrandava a dor, ao contrário, aguça e intensifica o sofrimento. Nos processos de luto, ajudar o aprendiz a encarar a dor e vivenciá-la apoiado em recursos de arte terapia, música, desenhos, histórias (anexos 1 e 2 há sugestões de histórias e filmes para elaborações em relação a dor da perda e do luto). Portanto contos e mitos, recursos simbólicos com apoio às artes, sempre respeitando o momento e possibilidades de elaboração de cada um, são significativos para o trabalho do psicopedagogo que acolhe a dor e ajuda o outro a ultrapassá-la dentro do possível, durante a elaboração do luto.

3. Entrevistado C

- Profissão: orientadora educacional e psicopedagoga
- Gênero: feminino
- Formação: pedagoga e psicopedagogia
- Anos de experiência profissional:

Tema 1 – A importância do ritual do luto

A entrevistada profissional C ressaltou a importância das elaborações do luto no coletivo em um contexto de aprendizagem escolar, situação que potencializa o sentimento de compartilhamento e solidariedade, ampliando o amadurecimento do aprendiz, no nível afetivo e cognitivo.

A profissional ressalta que o ritual para elaboração do luto é necessário tanto no âmbito da clínica como institucional escolar por meio de recursos da arte, de narrativas e expressões verbais sobre os sentimentos de perdas.

O estudo teórico do presente trabalho ressalta o valor dos rituais em relação ao luto. *“Os rituais ajudam a organização física e psíquica em situações de perda e morte”*, afirma a Dra. Maria Julia Kovács, professora e coordenadora do Laboratório de Estudos sobre a Morte da USP e completa seu pensamento, considerando que *“Os rituais coletivos congregam as pessoas de uma comunidade e os familiares*

enlutados, oferecem um sentimento de pertencimento e acolhimento e ajudam na construção de significados em relação à perda”. A autora ressalta que o importante é que “os rituais possam fazer sentido para aqueles que estão vivendo a dor da perda e que incluam as crianças, sempre se lembrando de informar e esclarecer a elas o que está acontecendo”.

Carl Jung coloca em destaque a importância dos rituais coletivos associados a vida e morte e renascimento, aos momentos de transição diante de perdas físicas, psíquicas e /ou de qualquer outra natureza, em que se coloca em risco a integração do Ego e do Self. É importante, no entanto que não se esvaziem os ritos considerando-os apenas como formal e social.

Supomos que todas as formas de relembrar e celebrar quem partiu ajudam a enfrentar a saudade. Uma parte de quem partiu permanece em nós e é essencial poder dividir com os outros o amor que ele cultivou em vida. Falar dos mortos, ouvir de outras pessoas suas lembranças nos ajuda a pensar em tudo o que aquela pessoa foi e representou em vida. E, principalmente nos ensina a preservar o melhor dela para sempre no nosso coração.

Tema 2 – O valor da elaboração do luto diante de mortes que ocorrem no âmbito escolar

A entrevistada C relatou o falecimento de um aluno da turma do 7º ano de Ensino Fundamental II em decorrência de Meningite. Foi uma morte súbita - pela manhã ele foi à escola, assistiu às aulas, interagiu com amigos e à tarde passou mal, foi socorrido, mas faleceu em algumas horas. O fato repercutiu na escola como um todo em virtude da gravidade e por questão de Saúde Pública. Para esse grupo de alunos, especialmente, além da questão do medo em relação à possibilidade de contrair a mesma doença que levou o amigo, outro problema surgiu e que se referiu ao abalo emocional com a notícia da perda repentina de um amigo. A profissional C foi convocada como psicopedagoga para ajudar esses alunos a elaborarem o luto de maneira um pouco mais positiva. Fizeram rodas de conversas para que cada um pudesse expor seus sentimentos em relação ao que estavam vivendo. Os professores também alteraram seu planejamento na 1ª semana para poder ajudar

os alunos a superar o trauma da perda do colega. A profissional relatou que nos momentos das rodas de conversas, muitos choraram, outros falaram e alguns permaneceram em silêncio, mas acompanharam as atividades. Por decisão do grupo, resolveram "por prá fora" seus sentimentos através de desenhos, textos, cartazes nos quais colocaram fotos do amigo junto da turma, lembraram os momentos que viveram juntos. A cada dia, elaboravam algo e expunham no corredor de acesso à sala de aula, assim puderam compartilhar a dor e ao mesmo tempo a alegria da amizade, com todos da escola (direção, professores, funcionários, alunos de outras turmas). No dia da missa de 7o dia em memória do amigo, recolheram todo material produzido e após a cerimônia religiosa entregaram para a família do amigo.

Constatamos que, este trabalho foi profundo e necessário para a elaboração do luto no âmbito escolar. Consideramos como é importante e fundamental a assessoria a escola como esta que a profissional C desempenhou para elaborar o luto no coletivo, no âmbito escolar, colocando foco na valorização do diálogo com alunos e professores e outros funcionários da escola para expressar os sentimentos gerados pelos medos da doença, de perdas própria e arrancados da vida, e o sofrimento gerado pela perda de alguém que mantinha vínculo afetivo, na convivência coletiva.

Tema 3 – O valor do trabalho psicopedagógico sobre elaboração do luto

O trabalho do psicopedagogo que aprofundou sobre a necessidade de elaboração do luto, diante do impacto da morte, com intervenções sobre medos e perdas tem um papel muito importante na ressignificação da experiência vivida com foco na elaboração do luto, no coletivo. É de grande necessidade a formação do psicopedagogo em relação as sensibilidades e capacitações para se aprofundarem nas reflexões e práticas terapêuticas e educacionais em a elaboração do luto, diante do impacto da morte habilitando-os a mediar com os pacientes, alunos e profissionais em consultório, instituições e comunidades que sofrem o impacto da morte ou de destruições. Segundo a opinião da entrevistada, ajudar o aprendiz nestes momentos de tanta vulnerabilidade e dor são "peças fundamentais neste jogo da vida em que a morte se apresenta sem nenhum aviso prévio".

4. Entrevistado D

- Profissão: psicóloga clínica
- Gênero: feminino
- Formação: psicologia UNIP, pós-graduação UCLA (University of California – Los Angeles).
- Anos de experiência profissional: 32 anos

Tema 1 - O vínculo afetivo terapêutico é uma condição favorável para a elaboração do luto

A entrevistada D ressalta a importância de um vínculo relacional já estabelecido entre o terapeuta e o paciente que sofre a dor de uma perda de um ente querido. A experiência que ela relata é com um paciente que já estava em processo terapêutico e este fato foi muito positivo e facilitou o trabalho. A entrevistada considera que o vínculo já faz parte do processo terapêutico e neste caso, como já estava estabelecida, esta relação afetiva já em processo ajudou na elaboração do luto, pois cuidar da constituição inicial do vínculo e ao mesmo tempo lidar com uma situação emergente de perda e consequente elaboração de luto é mais complexo.

Tema 2 - As constituições estruturais psíquicas e nível de desenvolvimento psíquico e mental influenciam nas elaborações do luto

Segundo os pareceres da entrevistada D, o seu trabalho terapêutico foi positivo, porque já havia também um trabalho acontecendo em relação ao fortalecimento da estrutura psíquica. Ressalta a necessidade de respeitar o tempo da pessoa para ouvir as revelações da morte, em função da sua base estrutural mental, que vai apresentando sinais para elaborações mais meticolosas.

Segundo sua opinião, o psicopedagogo e terapeuta deverão orientar professores e pais a respeitar o ritmo dos alunos, dos filhos e das pessoas em relação às elaborações do luto.

Tema 3 - Respeito ao ritmo, tempo e à estrutura psíquica das pessoas diante de revelações de detalhes de qualquer evento de morte dos entes queridos.

A profissional D diz o quanto o respeito ao tempo e ao ritmo de quem sofre a perda é importante, principalmente em relação aos detalhes da morte.

A profissional que lida com um paciente que sofre a dor da perda do ente querido por suicídio, ressaltou que acidente grave ou qualquer outra tragédia, deve-se ter cautelas quanto aos fatos e às minúcias do ocorrido, que devem ser revelados gradativamente, em função dos sinais que a pessoa revela para processar a elaboração do luto ou em relação às suas buscas de esclarecimentos.

A entrevistada D sugere que o psicopedagogo e o terapeuta devam orientar professores e pais a respeitar o ritmo das pessoas em relação às elaborações do luto e sobre os detalhes da morte.

Tema 4 - Envolvimento dos familiares na elaboração do luto dos filhos

A entrevistada D ressaltou que quando se trata de crianças, a participação da família no processo terapêutico e que a elaboração do luto deve ser realizada sempre em conjunto. No entanto com adolescentes a decisão sobre a participação efetiva da família vai de caso a caso, de modo muito particular.

Em caso de suicídio, a profissional D valoriza o trabalho com a família, porque todos estão envolvidos, pois toda a dinâmica familiar se altera, os integrantes são atingidos em proporções diferentes pelo impacto da perda e precisam administrar melhor as crianças e adolescente. A profissional destacou como um fator mais significativo o fato dela já conhecer a estrutura psíquica de seu paciente que a ajudou mais para a elaboração do luto diante do impacto de morte, sobretudo do suicídio. Ressaltou que neste caso relatado o envolvimento da família também foi um fator positivo de grande significância.

Consideramos, portanto, que a elaboração do luto das crianças e dos adolescentes deve envolver os familiares, possibilitando maiores condições de lidar com a dor da perda. Quando se tratar de crianças, o psicopedagogo deve investir em dinâmicas que a família possa participar direta ou indiretamente. Quando se tratar de adolescentes, esta participação sistêmica deverá acontecer de forma mais indireta e respeitando a vontade do adolescente da participação e diálogos com os familiares.

Tema 5 - Cuidados educacionais e pedagógicos dos aprendizes, diante dos traumas gerados pela morte.

A profissional D relata que ao pensar num processo educacional, pedagógico, diante de um evento traumático, não se pode negar as consequências devastadoras, caso não seja bem administrado. Não podemos ignorar ou amenizar este fenômeno, mantendo a consciência de que o luto pode ser fielmente devastador em todos os campos da vida.

Consideramos que diante dos traumas muitas vezes avassaladores, como afirma a profissional, é relevante apostar no poder de elaboração do luto para não gerar destruições e estagnações que impedem as pessoas de fazerem as compensações e resgatarem a vida.

Segundo a colocação da profissional D, é necessário um acompanhamento de profissionais preparados e sensíveis a esta questão tão delicada que é o luto, ajudando o outro atingido pela dor a reconstruir significados e vínculos relacionais. A construção dessa relação psicoterápica propicia um processo de ressignificação de vínculos e de descobertas de recursos internos, auxiliando o enlutado a acreditar em sua própria força, conseguindo assim estabelecer metas de vida para seu presente e futuro.

6.2 Comparação das entrevistas: convergências e variações das posições das entrevistadas.

De maneira geral as entrevistas convergem sobre muitos pontos de vista principalmente no que se refere à importância e necessidade de elaboração do luto, cada uma com foco em suas formações psicopedagógicas ou psicoterápicas e segundo as suas concepções teóricas e funções terapêuticas., aspectos que destacam pontos essenciais diferentes, mas complementares. Predominantemente apresentam a valorização do trabalho terapêutico psicopedagógico e educacional que buscam o trabalho seja no contexto individual clínico como educacional o trabalho de elaboração do luto com todos os participantes e familiares que sofreram a dor da perda. Alguns destacam aspectos de intervenção que se referem aos

recursos simbólicos com suportes na arte terapia que possibilitam e atenuam as elaborações da perda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”
Fernando Pessoa

O que se pode dizer a respeito de uma experiência tão densa e pungente quanto a de vivenciar uma perda. Para algumas pessoas, ela não passa de uma ilusão efêmera, para outros ela gera tanta ameaça, a ponto de uma vida presentificar constantemente a morte, esquecendo-se de si. Outros lidam com ela de forma esperada, chorando quando se tem que chorar, lastimando quando se tem que lastimar e superando uma perda que se deve superar. São infinitas as reações diante desta experiência. Mas o que afinal significa aceitar a morte de alguém ou a própria finitude da existência?

O que sabemos talvez, é como funciona a lógica da perda, aprendemos a viver sem o outro ou apenas com sua memória. A morte, mais do que uma fase ou uma experiência sofrida precisa ser apropriada como uma perspectiva da vida. Não há uma fórmula para isso, só a constante sensação de impotência, insegurança, aceitação, esvaziamento, resignação e... porque não, felicidade.

Se por um lado é crescente o número de pessoas que se interessa por este assunto, é grande o número de pessoas que demonstra atitudes de negação quando o assunto é morte. A atmosfera de negação da morte que se instala em nossa cultura influencia novas gerações, resultando numa compreensão pobre tanto da vida quanto da morte. Estudar sobre a morte e luto nos dá uma visão completa do ser humano. Não falar ou pensar sobre esses assuntos não enfraquece sua força, não a deixa menos horrível, ao contrário, limita nossas chances de enfrentamento.

Sentimo-nos completos quando somos capazes de observar e compreender esta realidade. A ausência desta compreensão pode levar a um sofrimento desnecessário, alienação e diminuição da qualidade de vida. Por esta razão, tratar

os assuntos “morte”, “morrer” e “luto”, tanto formal quanto informalmente, é um componente essencial do processo de educação em todos os níveis.

A comunicação é um dos processos básicos de todo o processo educativo. Um dos principais objetivos do trabalho do psicopedagogo é a facilitação do processo de comunicação, da expressão dos sentimentos e necessidades do indivíduo, família e outros envolvidos. Lembremos que no processo de morte e morrer e luto a comunicação está mais difícil. Há também por parte destes (indivíduo enlutado, paciente, família e cuidadores, profissionais ou não) uma dificuldade de reconhecimento dos sentimentos, receio de expressá-los, de compartilhá-los e tabus em falar de alguns assuntos. Crianças a partir dos três anos de idade podem ter acesso a este tema por meio de conversas, livros, filmes e, principalmente, ter suas perguntas respondidas!

Psicopedagogos e educadores devem estar preparados para falar sobre o tema e elaboração no caso de vivência de uma perda e luto por um aluno. O papel neste caso é de não contribuir para a negação e formação de indivíduos que não sabem lidar com perdas.

Há necessidade, no entanto de considerar os diferentes estilos de pessoas que se defendem ou que buscam elaborações das perdas e das frustrações de forma diferente. O presente trabalho ressalta esta necessidade de se lidar com os rituais e elaborações de luto considerando os diferentes estilos cognitivo-afetivos, derivados dos tipos psicológicos de Jung: uns sofrem e lidam com a perda acionando as racionalizações e elaborações mentais e necessárias para lidar com a dor (estilos mais pensamento), outros se aprofundam na subjetividade, misturam-se com as emoções, mas é neste mergulho com diferenciações dos sentimentos que elaboram as compensações e a passagem deste momento da morte para a vida. Outros acionam a capacidade imaginária, o poder do espiritual para elaborar as perdas e buscar as transformações direcionadas a vida. Há ainda aqueles que precisam experimentar no corpo, nos contatos sensoriais a dor da perda e é nesta experiência em contato com a natureza, com a terra, com a água e com seu corpo que conseguirá atravessar a dor da morte e resgatar a vida. Há ainda aqueles com tendências a atitudes mais introvertidas que se voltam para si próprias e buscam no mundo interno sentidos diante da morte e da vida (os introvertidos). Outros que buscam no outro e nas situações de fora um meio para descarregar a dor e para se

apoiar em busca das elaborações possíveis resgatando a vida. Fagali (2000) ressalta estas diferenciações de estilos em relação a qualquer tipo de elaboração emocional e cognitivo e de aprendizagem, mesmo diante das perdas físicas, da morte e da elaboração do luto. Destacamos estas referências teóricas, como processo inicial de estudos sobre estas formas de intervenção em relação aos estilos, diante da elaboração do luto.

Percebemos, segundo as respostas dos entrevistados, que estas diferenciações sobre formas de elaborar o luto segundo os diferentes estilos cognitivo-afetivos derivados dos tipos psicológicos de Jung precisam ser mais aprofundados e aplicados, pois não parecem referenciais de avaliações e intervenções em relação a estas diferenciações sobre as formas de lidar com as frustrações, a perda, a morte e diferentes meios de elaboração em função das capacidades cognitiva- afetivas de cada um.

As contribuições destes estudos e práticas sobre a importância da elaboração do luto na situação de aprendizagem, seja no enfoque educacional, seja clínico requerem continuidade das pesquisas e dos aprofundamentos que se iniciaram neste estudo, considerando todas as referências teóricas ressaltadas no presente estudo. Ressaltamos a importância de aprofundamento maior destas pesquisas e práticas de intervenção, considerando as contribuições do psicopedagogo em relação a este tema, no âmbito clínico e institucional, escolar, hospitalar, comunitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. **A percepção da morte nas crianças**. Trad. M. N. Folberg. In A. Aberastury (org.), *A Percepção da Morte na Criança e Outros Escritos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984, p. 128-139
- ALSOP, PIPPA, MCCAFFREY, TRISHA – **Transtornos Emocionais na escola. Alternativas teóricas e práticas**. Pippa, Alsop, Trisha, McCaffrey, SP: Summus Editorial, 1999
- ARIÈS, P. A. **História da Morte no Ocidente** Trad. P. V. Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fada**. 16ª ed. Trad. A. Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BOMTEMPO, E. A brincadeira de faz- de- conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: Kishimoto, T, M. (Org.), 2º ed. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997. P. 57-71.
- BOWLBY, J. **Uma Base Segura Aplicações clínicas da teoria do apego**. Trad. S. M. Barros. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- _____. **Apego e Perda: Apego, a natureza do vínculo**. 2ª ed., Vol. 1. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. **Cuidados Maternos e Saúde Mental**. 3ª ed. Trads. V. L. B. de Souza & I. Rizzini. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. **Apego e Perda: Separação, angústia e raiva**. 3ª ed., vol. 2, Trads. L. H. B. Hegenberg, O. S. da Mota & M. Hegenberg. São Paulo: Martins Fontes, 1998 a.
- _____. **Apego e Perda: Perda, tristeza e depressão**. 2ª ed., Vol. 3, Trad. V. Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.
- CÉSAR, B. **Morrer não se improvisa: relatos que ajudam a compreender as necessidades emocionais e espirituais daqueles que enfrentam a morte**. São Paulo: Gaia, 2001.
- COOPER, David, 1931- **A morte da família**- tradução Jurandir Craveiro: revisão Margarida Maria C. Oliva. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

DIAS, Maria Luiza. **Vivendo em família: Relações de afeto e conflito/** São Paulo: Moderna, 1992. (Coleção Polêmica).

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Suicídio e Luto, Histórias de filhos sobreviventes** Digital Publish & Print Editora, 2013

FAGALI, Eloísa Quadros. **Cadernos Interação-Integração, Psicopedagogia Institucional**, Produção Independente, Biblioteca Sedes Sapientiae, 2010.

_____. Encontros entre arte terapia e psicopedagogia: a relação dialógica terapeuta e cliente, educador e aprendiz. In: Selma Ciornai. (Org.). **Percursos em Arte terapia**. 1º Edição, São Paulo: Summus Editorial, 2005, v. 3, p. 17-64.

_____. **Estilos cognitivo-afetivos**, publicação independente, Biblioteca Sedes Sapientiae.

_____. **Múltiplas faces do aprender uma abordagem pós-moderna**. Cap. 3. Unidas. SP 2001.

FRANCO, M. H. P. **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

GAMBINI, R. A morte como companheira. In: M. F. Oliveira & M. H. Callia (Orgs.), **Reflexões sobre a Morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 135-146

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1995.

HENNEZEL, Marie de. **A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade** / tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira, - Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

JAMISON, K. R. **Quando a noite cai: entendendo a depressão e o suicídio**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Gryphus, 2010

JUNG, C. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** - 5 a. Ed. Tradução, Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis. RJ: Editora Vozes, 2007

KOVÁCS, M. J. (Ed.). (1992). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2003). **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2007). **Perdas e o processo de luto**. In D. Incontri & F. S. Santos (Eds.). *A arte de morrer. Visões plurais* (pp. 217-238). São Paulo: Comenius.

- LABAKI, Maria Elisa Pessoa – **Morte** – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de fala da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores / SP: Ideias & Letras, 2011.**
- PIAGET, J. **A Construção do Real na Infância**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1996
- _____. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- PRISZKULNIK, L.A. **Criança Diante da Morte**. *Pediatria Moderna*, Vol. XXVI (6), 1992, outubro, p. 490-496.
- RAIMBAULT, G.A. **Criança e a Morte - Crianças doentes falam da morte - Problema da clínica do luto**. Trad. R. C. Lacerda. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- SILVA, S. da C. **Contribuições da psicologia existencial no enfrentamento das perdas e da morte**. 2007. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade do Vale do Itajaí, Vale do Itajaí, 2007. Disponível em: http://siaibib01.univali.br/pdf/Cristiane_Soleto_da_Silva.pdf. Acesso em: 08 set. 2011.
- SILVEIRA, N. **Jung: Vida e Obra**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- TORRES, W. da C. **A criança diante da morte: desafios**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- VELASQUEZ-CORDERO, M. (1996). **First grade teacher 's feelings about discussing death in the classroom and suggestions to support them**. Acesso em 2006. Disponível em <http://www.eric.ed.gov/ERIC>
- VOMERO, M, F. **Morte**. *Super Interessante*, São Paulo, edição 173, fev. 2002. p. 37-44
- VON FRANZ, M. L. & HILLMAN, J. **A tipologia de Jung**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.
- WOLFELT, A.D.- **Finding the Words Finding the Words: How to Talk with Children and Teens about Death, Suicide, Homicide, Funerals, Cremation, and other End-of-Life Matters** Paperback – October 1, 2013
- WORDEN, J. William. **Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ANEXOS

Anexo 1 - Literatura Infantil sobre Perdas e Lutos:

1. **O Amor Pega Feito Bocejo** (Antônio Geraldo Figueiredo Ferreira, Companhia das Letras): Escrito em verso, o livro conta a história de um garoto que tem uma tia com Alzheimer. Ela vive na casa dele e um dia desaparece.

2. **Cadê Meu Avô** (Lídia Carvalho, Editora Biruta): Renato está muito triste, pois perdeu um avô muito querido, que gostava de contar histórias. No Natal, ele decide pedir ajuda ao Papai Noel para encontrar o velho amigo.

3. **Chakchuca Desapareceu** (Galia Oz, Companhia das Letras): Chakchuca é uma cachorrinha. Ela desaparece e deixa sua dona muito aflita, iniciando uma aventura para desvendar o mistério do sumiço do animal de estimação.

4. **Começo, Meio e Fim** (Frei Betto, Editora Rocco): A personagem é uma menina tão meiga e doce, que associa todos os membros da família às guloseimas que gosta de devorar. Quando descobre a morte, percebe que a vida também tem seu lado amargo. A descoberta é suavizada pela amorosa lição de vida dada por seu avô.

5. **A Cruzada das Crianças** (Bertolt Brecht, Pulo do Gato): O poema narrativo conta a história da árdua peregrinação de um grupo de crianças órfãs que foge dos horrores provocados pela Segunda Guerra Mundial. Juntas, elas buscam refúgio e lutam contra a fome, o frio, a miséria e o desamparo.

6. **O Domingo Trocado** (Ruth Löbner, Brinque Book): Filho de pais separados, Jonas passa a semana com Ana, sua mãe. Os finais de semana ficam por conta do pai, Pedro, que é muito atrapalhado. Certo domingo, Jonas decide trocar de papel com o pai, realizando todas as tarefas. Tudo funciona perfeitamente até irem ao parque tomar sorvete e viverem algo inesperado.

7. **Eu Vi Mamã Nascer** (Luiz Fernando Emediato, Geração Editorial): Uma criança de oito anos narra suas reações diante da morte da mãe. O livro busca conforto não apenas ao falar da morte, mas também ao tentar responder qual é o sentido da vida.

8. **Eloísa e os bichos** (Jairo Buitrago, Pulo do Gato): Uma menina muda com o pai para uma nova cidade e enfrenta um mundo totalmente diferente do que conhecia, no qual se sente um verdadeiro bicho estranho.

9. **Greve de Vida** (Amélie Couture, Companhia das Letras): Uma garota perdeu a mãe durante o seu nascimento e foi criada pela avó. Tudo muda quando essa avó morre e a menina passa a viver com o pai, a nova esposa e o filho deles. Revoltada com as mudanças, a personagem decide fazer uma greve de vida e ficar trancada no quarto, sem fazer nada e nem falar com ninguém.

10. **A História de uma Folha** (Leo Buscaglia, Record): Como sugere o título, o livro conta a história de uma folha, ilustrando o equilíbrio entre a vida e a morte. Mostra-se como essa folha e suas companheiras mudam com a passagem das estações, caindo finalmente ao solo com a neve do inverno.

11. **Íris - Uma Despedida** (Gudrun Mebs, Pulo do Gato): A família de Íris descobre que ela está gravemente doente e precisa ser hospitalizada. A irmã mais nova narra os sentimentos que a afligem, como medo, a esperança e a tristeza.

12. **Lá e Aqui** (Carolina Moreyra e Odilon Moraes, Pequena Zahar): uma criança fala sobre a separação dos pais e mostra como a situação pode ser vivida de maneira positiva, sem menosprezar o sofrimento.

13. **Malala – a menina que queria ir para a escola** (Adriana Carranca, Companhia das Letras): A adolescente paquistanesa Malala Yousafzai foi baleada por membros do Talibã aos catorze anos por defender a educação feminina. O livro conta a história, as perdas e os ganhos da menina que se tornou Prêmio Nobel da Paz.

14. **O Medo da Sementinha** (Rubem Alves, Paulus Editora): Durante o seu desenvolvimento, uma semente passa por medos e preocupações. A mãe dela acompanha esses sentimentos e a conforta.

15. **Menina Nina - Duas Razões Para Não Chorar** (Ziraldo, Melhoramentos): Ao falar dos sentimentos de uma criança que perde a avó, o autor aborda os mistérios da vida e da morte, falando de dor e esperança.

16. **O Menino e o Vento** (Regina Machado, Companhia das Letras): Desobedecendo o pai, um menino se lança ao mar para pescar sozinho e embarca em uma longa viagem. Ele se divertiu muito, até se dar conta que estava perdido dos pais.

17. **Meu Filho Pato** (Vários autores, Companhia das Letras): Idealizado pelo escritor Ilan Brenman com a equipe de psicólogas do Instituto 4 Estações, especializadas em lidar com situações de perda, o livro reúne seis histórias sobre o assunto, escritas por seis escritores diferentes. Há contos cômicos, tristes, poesia e até cordel, além de textos de apoio para tratar o tema com as crianças.

18. **A Montanha Encantada dos Gansos Selvagens** (Rubem Alves, Paulus Editora): O nascimento do gansinho Cheio-de-Jasmim alegrou a vida dos gansos selvagens, que enfrentavam o frio e o calor, os caçadores e a fome. O pequeno animal adorava ouvir histórias. Uma delas falava sobre a Montanha Mágica, para onde iam os gansos mais velhos...

19. **A Mulher que Matou os Peixes** (Clarice Lispector, Editora Rocco): A personagem se esquece de alimentar os peixinhos de seu filho. Ela pede perdão aos leitores e procura explicar como tudo aconteceu.

20. **A Operação de Lili** (Rubem Alves, Paulus Editora): A elefantinha Lili precisa fazer uma operação para retirar Gregório de sua tromba. O amigo sapo foi parar lá após uma brincadeira. Com muito medo da cirurgia, Lili contou com a ajuda da Fada da Floresta.

21. **Os Porquês do Coração** (Nye Ribeiro e Conceil C. Silva, Editora do Brasil): Mabel é uma menina curiosa e vive fazendo perguntas, na tentativa de entender o mundo. Ela ganha um peixinho de aniversário e com ele vai descobrir o sentido da amizade, do amor e da perda.

22. **A Preciosa Pergunta da Pata** (Leen van den Berg, Brinque Book): Uma pata perdeu seu patinho e está muito triste. Surge a pergunta: Para onde vamos quando morremos?

23. **O Reino Partido ao Meio** (Rosa Amanda Strausz, Companhia das Letras): O reino de um príncipe é partido ao meio por um dragão furioso. A partir de então, ele precisa aprender a viver com tudo quebrado na metade, até seus pais.

24. **Roupa de Brincar** (Eliandro Rocha, Pulo do Gato): A maior diversão de uma menina é brincar no guarda-roupa da tia. Até que um dia a garota vai visitá-la e percebe que ela está muito triste. Quando entra no guarda-roupa, nota que até as cores haviam sumido. Tudo isso porque alguém querido morreu.

25. **Tempos de Vida** (Brian Mellonie, Editora Global): A obra trata a morte como parte do ciclo natural, falando sobre o nascimento, crescimento, maturidade e

o fim. Mostra que isso acontece com todos os seres vivos, dos insetos aos seres humanos.

26. **Um Outro País para Azzi** (Sarah Garland, Pulo do Gato): Azzi é um menino refugiado. Após fugir às pressas com seus pais, embarca em um país desconhecido, com pouca bagagem e a esperança de uma vida mais segura. Agora o menino terá de enfrentar a saudade que sente da avó e muitos desafios.

27. **O Violinista** (Colin Thompson, Brinque Book): Oscar toca seu violino na calçada de um teatro, entretendo as pessoas que aguardam na fila para comprar ingressos. Envolvido em sua própria música, ele sonha em ser um grande músico e ter ao seu lado a filha Marieta, que já se foi.

28. **Vó Nana** (Margaret Wild, Brinque Book): Vó Nana e Neta moram juntas e compartilham tudo, inclusive as tarefas da casa. Certo dia, elas precisam se despedir da melhor maneira que conhecem.

29. **Vô, Eu Sei Domar Abelhas** (Monika Feth, Brinque Book): Diego é muito apegado ao avô, que morre de repente. Mas as explicações para a morte não convencem o menino.

30. **Vovô Foi Viajar** (Mauricio Veneza, Compor Editora): O sumiço do avô intriga a neta, mas os pais dela não conseguem responder suas perguntas.

Anexo 2 - Sugestões de Filmes:

1. Tão forte, tão perto
2. Uma prova de amor
3. Óleo de Lorenzo
4. O amor acontece
5. O lado bom da vida
6. Intocáveis
7. A culpa é das estrelas
8. Deus não está morto
9. Cartas para Deus
10. Para sempre Alice
11. A balda de Narayama
12. A cura
13. A última grande lição
14. Direito de amar
15. Ensina-me a viver
16. Lado a lado
17. Minha vida sem mim
18. No limite do silêncio
19. O enigma das cartas
20. Patch Adams – O amor é contagioso
21. Ponette – a espera de um anjo
22. Reencontrando a felicidade
23. Uma lição de vida

Anexo 3 – Entrevistas

ENTREVISTADO A

- Profissão: pedagoga, psicopedagoga com aprimoramento em reabilitação cognitiva.
- Gênero: feminino
- Formação: psicopedagogia clínica e escolar
- Anos de experiência profissional: 20 anos em educação, 6 anos em psicopedagogia

1. RELATE SUA EXPERIÊNCIA COM ESTE PACIENTE QUE SOFRE OU SOFREU PERDAS ASSOCIADAS À MORTE FÍSICA E COMO LIDOU COM O PROCESSO DE LUTO:

Apresentava problemas de aprendizagem, sendo encaminhada pela escola. A mãe marcou, mas faltou ao primeiro atendimento, sem avisar. Na 2ª vez que marcou, compareceu e contou que o pai de Marina (nome fictício) cometeu suicídio um antes, quando já estavam separados. Ela mantinha bom relacionamento com ele, mesmo após a separação, e com a família. Disse ter ficado muito surpresa com o suicídio do ex-marido. Leticia era muito ligada a ele, tinha morado com ele por algum tempo. Sofreu com a morte do pai e não foi contado a ela o modo como morreu. Apresentava muitos problemas na organização, escrita, leitura e habilidades matemáticas. Era muito carinhosa e mostrava necessidade de atenção e afeto. A mãe conta que os problemas se intensificaram após a morte do pai. Passou a ficar muito dispersa e não conseguia manter-se muito tempo na mesma atividade.

2. QUAIS AS INFLUÊNCIAS NA APRENDIZAGEM E NO DESEMPENHO ESCOLAR?

A escola relatou que esse era o primeiro ano da Letícia na escola e que em virtude de diversas trocas de escola, as dificuldades também estavam associadas a uma defasagem dos conteúdos. A sogra havia sido professora nesta escola, então a escola tinha algumas informações extras sobre a Letícia e sua família. A coordenadora e a professora disseram que, embora a família achasse que a Letícia

não sabia sobre o suicídio do pai, ela própria havia falado sobre o fato na escola e contava que às vezes atendia o celular, ouvia voz de homem e achava que poderia ser o pai, mantendo uma série de fantasias a respeito da morte dele. A escola também ouviu da Letícia que seu tio (irmão do pai) às vezes dormia na sua casa (era ele quem pagava o atendimento psicopedagógico), não ficando clara a relação entre a mãe e ele. A mãe também mantinha pouco contato com a escola, não atendia muitas vezes as solicitações para reunião, não comprava os materiais que a escola pedia, como livros de leitura. A indicação inicial da escola era para psicoterapia, mas entenderam que a mãe resistiria e decidiram indicar a psicopedagogia como forma de ajudar a Letícia nestas questões. Parecia haver muitas coisas não ditas - e para Letícia conhecer parecia ser algo ameaçador (um dos fatores que penso estar muito associado com sua "interdição" à aprendizagem). Letícia mostrava-se ansiosa e insegura e estas questões emocionais, associadas às trocas frequentes de escola, estavam, no meu entendimento, associadas aos problemas de aprendizagem. A mãe me parecia realmente esconder algo. Por duas ou três vezes marquei para conversar com ela e ela não aparecia e não avisava, apresentando o mesmo comportamento com a escola. Nas intervenções, usei muitos jogos e outras atividades lúdicas para desenvolver a linguagem oral e escrita, assim como o raciocínio matemático. Trabalhei a criação de histórias livres, com o estímulo de figuras, para desenvolver a organização narrativa, aumentar o vocabulário e poder dar espaço para a manifestação de questões emocionais. Situações de morte, partida e outras constantemente apareciam. Do mesmo modo, usava desenhos livres. Procurei sempre ter rotinas e pautas claras das nossas atividades para ajudá-la a se organizar e oferecer um ambiente mais previsível. Infelizmente, após seis intervenções psicopedagógicas a família resolveu suspender, alegando não poder pagar e que tentariam usar o apoio pedagógico da escola. Insisti para que eu pudesse fazer o encerramento do trabalho psicopedagógico, reforçando que era negativo para a Letícia que o atendimento simplesmente parasse de acontecer sem que pudéssemos nos despedir, o que reforçaria sua sensação de incerteza e perda, já que tínhamos nos vinculado bastante. Mas a mãe não atendeu.

A escola relatou que esse era o primeiro ano da Letícia na escola e que em virtude de diversas trocas de escola, as dificuldades também estavam associadas a uma defasagem dos conteúdos. A sogra havia sido professora nesta

escola, então a escola tinha algumas informações extras sobre a Letícia e sua família. A coordenadora e a professora disseram que, embora a família achasse que a Letícia não sabia sobre o suicídio do pai, ela própria havia falado sobre o fato na escola e contava que as vezes atendia o celular, ouvia voz de homem e achava que poderia ser o pai, mantendo uma série de fantasias a respeito da morte dele. A escola também ouviu da Letícia que seu tio (irmão do pai) as vezes dormia na sua casa (era ele quem pagava o atendimento psicopedagógico), não ficando clara a relação entre a mãe e ele. A mãe também mantinha pouco contato com a escola, não atendia muitas vezes as solicitações para reunião, não comprava os materiais que a escola pedia, como livros de leitura. A indicação inicial da escola era para psicoterapia, mas entenderam que a mãe resistiria e decidiram indicar a psicopedagogia como forma de ajudar a Letícia nestas questões.

Parecia haver muitas coisas não ditas - e para Letícia conhecer parecia ser algo ameaçador (um dos fatores que penso estar muito associado com sua "interdição" à aprendizagem). Letícia mostrava-se ansiosa e insegura e estas questões emocionais, associadas às trocas frequentes de escola, estavam, no meu entendimento, associadas aos problemas de aprendizagem.

A mãe me parecia realmente esconder algo. Por duas ou 3 vezes marquei para conversar com ela e ela não aparecia e não avisava, apresentando o mesmo comportamento com a escola.

Nas intervenções, usei muitos jogos e outras atividades lúdicas para desenvolver a linguagem oral e escrita, assim como o raciocínio matemático. Trabalhei a criação de histórias livres, com o estímulo de figuras, para desenvolver a organização narrativa, aumentar o vocabulário e poder dar espaço para a manifestação de questões emocionais. Situações de morte, partida e outras constantemente apareciam. Do mesmo modo, usava desenhos livres. Procurei sempre ter rotinas e pautas claras das nossas atividades para ajudá-la a se organizar e oferecer um ambiente mais previsível.

Infelizmente, após 6 intervenções psicopedagógicas a família resolveu suspender, alegando não poder pagar e que tentariam usar o apoio pedagógico da escola. Insisti para que eu pudesse fazer o encerramento do trabalho psicopedagógico, reforçando que era negativo para a Letícia que o atendimento simplesmente parasse de acontecer sem que pudéssemos nos despedir, o que

reforçaria sua sensação de incerteza e perda, já que tínhamos nos vinculado bastante. Mas a mãe não atendeu.

ENTREVISTADO B

- Profissão: professora ensino fundamental em escola particular
- Gênero: feminino
- Formação: psicopedagogia
- Anos de experiência profissional: 26 anos

1. RELATE SUA EXPERIÊNCIA COM UM PACIENTE QUE SOFRE OU SOFREU PERDAS ASSOCIADAS À MORTE FÍSICA E COMO LIDOU COM O PROCESSO DE LUTO.

O paciente havia perdido a avó, eles viviam na mesma casa, tinham uma relação de grande proximidade.

2. QUAIS AS INFLUÊNCIAS NA APRENDIZAGEM E NO DESEMPENHO ESCOLAR?

Ele já apresentava um desempenho escolar bem baixo anterior à perda. Havia um quadro de psicose, delírios e muitas vezes misturava realidade e fantasia.

3. QUAIS OS RESULTADOS DE SUA ESCUTA E INTERVENÇÃO DO PONTO DE VISTA AFETIVO E COGNITIVO?

Acredito que ele tenha conseguido elaborar o luto ou pelo menos dar algum sentido possível para essa perda.

4. PODERIA APRESENTAR PROPOSTAS OU EXEMPLOS DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA OU DE DIÁLOGOS COM O PACIENTE NESSE MOMENTO RESPEITANDO O LUTO E BUSCANDO ELABORAÇÃO DO MESMO?

Trabalhei com fases da vida de uma planta, criamos uma história de uma semente que germina, nasce, cresce e morre. Fizemos desenhos.

5. O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR?

Foi um processo doloroso e bonito ao mesmo tempo, pois na mesma época havia perdido meu pai. Ocorreu então o que chamamos de contratransferência, algo do paciente que afeta o terapeuta profundamente. Enquanto trabalhava a dor dele, também procurei dar um sentido possível para o meu sofrimento.

ENTREVISTADO C

- Profissão: Psicopedagoga em consultório particular, Orientação Educacional em instituição escolar, Assessoria e Consultoria Psicopedagógica
- Gênero: feminino
- Formação: Pedagogia: Faculdade de Educação USP - Pós-graduação lato sensu em Psicopedagogia - PUC-SP
- Anos de experiência profissional: Educação - 35 anos
Psicopedagogia - 14 anos

1. RELATE SUA EXPERIÊNCIA COM UM PACIENTE QUE SOFRE OU SOFREU PERDAS ASSOCIADAS À MORTE FÍSICA E COMO LIDOU COM O PROCESSO DE LUTO.

Desenvolvo trabalho de Assessoria Psicopedagógica e Orientação Educacional em uma escola particular na região norte da capital de SP e no ano de 2014, um aluno da turma do 7º ano de Ensino Fundamental II faleceu em decorrência de Meningite. Foi uma morte súbita - pela manhã ele foi à escola, assistiu às aulas interagiu com amigos e à tarde passou mal, foi socorrido, mas faleceu em algumas horas.

O fato repercutiu na escola como um todo - em virtude da gravidade e por questão de Saúde Pública, várias intervenções ocorreram desde visitas da vigilância sanitária e medidas de profilaxia especialmente para os alunos da turma em que o menino estava.

Para essa turma, especialmente, além da questão do medo em relação a possibilidade de contrair a mesma doença que levou o amigo, outro problema surgiu que foi o abalo emocional com a notícia da perda repentina de um amigo.

Fui chamada então, para ajudar esses alunos a elaborarem o luto de maneira um pouco mais positiva.

Fizemos então rodas de conversas para que cada um pudesse expor seus sentimentos em relação ao que estavam vivendo

Os professores também alteraram seu planejamento na 1ª semana para poder ajudar os alunos a superar o trauma da perda do colega

Nos momentos das rodas de conversas, muitos choraram, outros falaram e alguns permaneceram em silêncio, mas acompanharam as atividades.

Por decisão do grupo, resolveram "por prá fora" seus sentimentos através de desenhos, textos, cartazes nos quais colocaram fotos do amigo junto da turma, relembrou os momentos que viveram juntos (alguns já estavam na mesma turma desde o ensino fundamental I)

A cada dia, elaboravam algo e expunham no corredor de acesso à sala de aula, assim puderam compartilhar a dor e ao mesmo tempo a alegria da amizade, com todos da escola (direção, professores, funcionários, alunos de outras turmas).

No dia da missa de 7o dia em memória do amigo, recolheram todo material produzido e após a cerimônia religiosa entregaram para a família do amigo.

Na semana seguinte, resgatamos todo o processo vivido em nova roda de conversa e foi possível observar a forma positiva com que essa turma elaborou seu luto e assim, puderam prosseguir a vida mantendo as boas lembranças do amigo.

2. QUAIS AS INFLUÊNCIAS NA APRENDIZAGEM E NO DESEMPENHO ESCOLAR?

Em discussão com a equipe técnico-pedagógica da escola, percebemos que não houve impacto no processo de aprendizagem ou desempenho escolar dos alunos por conta da perda do amigo. Acreditamos que com as ações e intervenções psicopedagógicas, puderam ressignificar a experiência vivida e puderam elaborar o luto, suas emoções e sentimentos, sem prejuízo no estudo ou na vida pessoal.

3. QUAIS OS RESULTADOS DE SUA ESCUTA E INTERVENÇÃO DO PONTO DE VISTA AFETIVO E COGNITIVO?

Creio que o resultado ficou evidente na forma como os alunos protagonizaram a própria elaboração do luto. Ficaram unidos, um fortalecendo o outro e assim puderam dar mais sentido aos sentimentos de amizade e solidariedade. Do ponto de vista cognitivo, creio que foi um processo de amadurecimento.

4. PODERIA APRESENTAR PROPOSTAS OU EXEMPLOS DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA OU DE DIÁLOGOS COM O PACIENTE NESSE MOMENTO RESPEITANDO O LUTO E BUSCANDO ELABORAÇÃO DO MESMO?

Creio que a intervenção psicopedagógica seja na clínica ou na instituição, deva ser de possibilitar um espaço de acolhimento e de escuta, criando vínculo de confiança com o paciente enlutado e ajudando-o a elaborar o luto de maneira mais saudável possível, seja através de conversas, desenhos, pintura, produção de textos ou através de histórias.

5. O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR?

Após a conclusão de sua tese, gostaria de ter acesso, pois o tema é extremamente relevante e seu trabalho poderá ser excelente fonte de referência para os profissionais da psicopedagogia e psicologia.

ENTREVISTADO D

- Profissão: psicóloga clínica
- Gênero: feminino
- Formação: psicologia UNIP, pós-graduação UCLA (University of California – Los Angeles).
- Anos de experiência profissional: 32 anos

1. QUAL A SUA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM PROCESSO DE LUTO

O trauma de um luto, de uma perda significativa, marca tanto o desenvolvimento de um adolescente e de uma criança como qualquer outro trauma, o trauma de um abuso, um acidente é um trauma q você vai lidar para o resto de sua vida, é uma marca, fica o antes e o depois do ocorrido, fica uma cicatriz no emocional da pessoa que como toda cicatriz no começo tá muito aberta, sangrando, tem que ter um tempo de cicatrização e essa dor vai diminuindo e todos os outros aspectos da vida começam a funcionar melhor. Claro que cada um tem sua individualidade e a pergunta é: Qual a minha experiência com pacientes enlutados? E a minha experiência é que a pessoa que eu atendo já estava em processo terapêutico comigo e este fato foi muito positivo, o que facilitou muito o trabalho, porque acho q o vínculo que é um processo terapêutico, neste caso já estava estabelecido. Estabelecer um vínculo e juntamente lidar com um processo de luto é muito mais

complicado, é o mesmo que você estar com uma perna quebrada e precisar andar, ou seja, como você vai andar com uma perna quebrada? Então neste sentido a minha experiência é muito positiva, porque já tinha um trabalho acontecendo de fortalecimento de estrutura.

2. E QUANTO ÀS FASES DO LUTO? COMO É COM UM ADOLESCENTE?

Acredito que não é tão marcado, o adolescente ainda tem a mente muito plástica, então estas fases vão e voltam com mais frequência, porém meu paciente tem um agravante porque se tratava de uma perda por suicídio e a raiva entra como um fator importante, porque se ela não aparecer também é um assunto, a raiva tem que fazer parte deste processo. O suicídio é uma escolha, na verdade eu não acho que seja, mas para a pessoa que ficou fica o pensamento: "Podia não ter feito". É um agravante nas fases do luto. Acredito particularmente que o suicídio é uma ausência de escolha é um momento de desespero tão grande que a pessoa se vê com total falta de esperança.

3. ALGUMA IMPLICAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DESTE SEU PACIENTE ADOLESCENTE?

Não, nada que fizesse alguma marca importante. Como já era ensino médio, acredito que seja outra maturidade, diferente de uma criança que esteja em processo de alfabetização e aquisição de outros conceitos. Meu paciente tinha uma questão de timidez em sala de aula que até melhorou pós-ocorrido, porque acho que você dá pesos diferentes para coisas diferentes a partir de uma experiência deste nível, o que era um sofrimento passa a não ser mais. A escola teve um diferencial, porque foi uma escola que acolheu, mas nem precisou de tanta acolhida, o paciente deu conta sozinha do processo pedagógico, mas falo novamente que não posso deixar de acreditar que o já estar em terapia foi fundamental. O apoio de profissionais é importantíssimo.

4. NO CASO DO SUICÍDIO O QUE VOCÊ ME DIZ SOBRE O QUE É "VELADO" SENDO ESTE ASSUNTO AINDA UM TABU EM NOSSA SOCIEDADE.

Acho que é preciso respeitar muito o tempo da pessoa, tomar muito cuidado para não invadir a pessoa em uma hora que ela está tão fragilizada. A própria pessoa,

com uma base estrutural mental boa, vai dando sinais de quanto e quando ela quer saber. Minha orientação para pais e educadores é sempre “Vamos respeitar o ritmo da pessoa”. E na hora de contar a verdade sobre como a morte aconteceu, acredito que também deva ser respeitado o quanto a pessoa quer saber, o quanto a pessoa pode aguentar, por exemplo, meu paciente sabia que tinha sido um suicídio, porém não quis saber a forma. Em uma criança de dois ou três anos que o pai tenha morrido num acidente de carro, acho que não deve ser nem falado que foi um acidente, porque isto pode gerar na criança um trauma de entrar em carro, por exemplo, agora se você acha que a criança de dois ou três anos tem a capacidade de absorver isso então a verdade deve ser falada, ou seja, é muito particular. Sou contra mentir porque pode gerar fantasias de fantasmas enormes, mas não falar a verdade não é problema. Quando a pessoa estiver pronta ela vai querer saber, o perigo é já estar em um momento muito triste, muito difícil e você ser atravessado com alguma informação que não estava pronto para receber, não acho que vai ajudar no processo.

5. COMO VOCÊ ACHA QUE DEVE SER FEITO O TRABALHO COM A FAMÍLIA?

Com crianças sempre em conjunto, com adolescente acho que também é muito particular. Neste caso específico, acredito que tenha que trabalhar com a família porque todos estão envolvidos, a família toda está no processo e os adultos devem saber administrar melhor que o adolescente. No caso do meu paciente eu já conhecer sua estrutura ajudou muito. O envolvimento da família também ajudou muito.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu acho que se você pensar num processo educacional, pedagógico, num evento tão traumático, pode ter consequências devastadoras se não for bem administrado. O luto pode ser fielmente devastador em todos os campos da vida.

Anexo 4 - Análise do Conteúdo de Questionários e Entrevistas

Entrevistado A

<p>1. Exemplo de um caso encaminhado para psicopedagogia e influência da morte na aprendizagem</p>	<p>1. Sexo feminino</p> <p>-Encaminhado pela escola por apresentar problemas de aprendizagem</p> <p>- O pai havia se suicidado quando a mãe já era separada dele, as mantinha bom relacionamento com ele.</p> <p>A aprendiz era muito ligada a ele e morado com ele por algum tempo e sofreu com a morte do pai.</p> <p>Foi contado a ela como o pai tinha morrido. A menina apresentava muitos problemas na organização, na escrita, leitura e habilidades matemáticas.</p> <p>Problemas se intensificaram após a morte do pai.</p> <p>Passou a ficar muito dispersa e não conseguia manter-se muito tempo na mesma atividade.</p> <p>Era muito carinhosa e mostrava necessidade de atenção e afeto.</p> <p>Diversas trocas de escola, as dificuldades também estavam associadas a uma</p>	<p>1. Aprendiz do sexo feminino intensificou o problema de aprendizagem que tinha após o suicídio do pai.</p> <p>Muito afetiva e carinhosa e demonstrava muita necessidade de atenção e afeto.</p> <p>-Mantinha uma relação vincular forte e morou um tempo com o pai, quando já separado da mãe.</p> <p>-Foi relatado como foi a morte do pai: suicídio</p> <p>-Consequências na aprendizagem: dispersão da atenção e potencialização de organização, desorganização da escrita, problemas de leitura e de habilidades matemáticas.</p> <p>- Indicação da escola para o trabalho psicoterápico, mas houve resistência da mãe e, portanto, foi encaminhado para psicopedagogia.</p>	<p>1. Suas relações afetivas e foco na dinâmica vincular demonstra predominância de características da função sentimento, aspecto que potencializa a dor da perda de pessoas que nutrem o afeto principalmente diante de uma situação traumática de morte como o suicídio do pai que mantém vínculos afetivos e convivência antes do acontecimento do suicídio explicado sobre como sucedera.</p> <p>Supõem-se maiores dificuldades de aceitar a perda devido ao alto grau de subjetividade que o paciente tem aumentando as dificuldades cognitivas que apresenta, fato que necessita de maior apoio afetivo para elaboração deste luto, abrindo espaço para a expressão da dor da perda nestas circunstâncias</p> <p>A dispersão de atenção sugere que o mundo interno está preenchido pela dor desta falta de um ente querido que se mata,</p>
--	---	---	---

	<p>defasagem dos conteúdos.</p> <p>A indicação inicial da escola era para psicoterapia, mas entenderam que a mãe resistiria e decidiram indicar a psicopedagogia como forma de ajudar nestas questões.</p>		<p>não cabendo o deslocamento da atenção para outras demandas da vida e da aprendizagem que se agrava devido a outros fatos de não persistência dos vínculos numa mesma escola (diversas trocas de escola)</p> <p>As influencias da morte do ente querido não produziu dificuldades e sim potencializou os problemas que já trazia em relação à defasagem conceitual e habilidades cognitivas.</p>
<p>2. Clima confuso familiar e nas situações da escola:</p>	<p>2. A sogra havia sido professora nesta escola, então a escola tinha algumas informações extras sobre a Letícia e sua família. A coordenadora e a professora disseram que, embora a família achasse que a Letícia não sabia sobre o suicídio do pai, ela própria havia falado sobre o fato na escola e contava que às vezes atendia o celular, ouvia voz de homem e achava que poderia ser o pai, mantendo uma série de fantasias a respeito da morte dele. A escola também ouviu da Letícia que seu tio (irmão do pai)</p>	<p>2. A família ignora o fato da criança saber sobre como aconteceu à morte do pai, a menina comentava sobre o suicídio com seus colegas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ela própria contava que às vezes atendia o celular e ouvia voz de homem que poderia ser o pai com fantasias a respeito da morte dele - Na escola relatava sobre a existência de outro homem que dormia na sua casa, o tio, não ficando clara a relação deste com a mãe. - A mãe mantinha pouca relação e compromisso com a escola e no 	<p>2. Ambiguidades sobre o ocultamento da família sobre as circunstancias de relação e morte deste pai.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fantasias da criança sobre o suposto fantasma do pai comunicando-se por telefone com ela, aspecto muito presente nas fases iniciais da elaboração do luto. - Ambiguidades e segredos nas relações triangulares: mãe com o suposto tio que substitui o pai, fato que potencializa a dor da perda e supostas culpas que pairam, diante da substituição brusca de outro que toma o lugar do ente querido que se mata.

	<p>às vezes dormia na sua casa (era ele quem pagava o atendimento psicopedagógico), não ficando clara a relação entre a mãe e ele. A mãe também mantinha pouco contato com a escola, não atendia muitas vezes as solicitações para reunião, não comprava os materiais que a escola pedia, como livros de leitura. Parecia haver muitas coisas não ditas - e para Letícia conhecer parecia ser algo ameaçador (um dos fatores que penso estar muito associado com sua "interdição" à aprendizagem). Letícia mostrava-se ansiosa e insegura e estas questões emocionais, associadas às trocas frequentes de escola, estavam, no meu entendimento, associadas aos problemas de aprendizagem. A mãe me parecia realmente esconder algo. Por duas ou três vezes marquei para conversar com ela e ela não aparecia e não avisava, apresentando o mesmo comportamento com a escola.</p>	<p>atendimento psicopedagógico</p> <p>- A mãe me parecia realmente esconder algo. Parecia haver muitas coisas não ditas</p> <p>O saber da Letícia parecia se associar a algo ameaçador: fator que se associa a interdição na aprendizagem</p> <p>Letícia mostrava-se tensa, ansiosa e insegura diante das trocas da escola.</p>	<p>- Ambiguidades na relação triangular que ampliam os fantasmas sobre motivos supostos do suicídio do pai diante de um suposto outro que o substitui na relação com sua mãe (uma suposta ambiguidade no conflito edípico) que potencializa culpabilidade que envolve o suicídio do pai.</p> <p>- Fantasias de perdas e ameaças ambíguas que se potencializam principalmente na mente de uma criança que apresenta predominância da subjetividade, isto é, da função sentimento, supondo ser um estilo introspectivo subjetivo.</p>
--	--	---	---

<p>3. Intervenções do psicopedagogo no atendimento ao paciente</p>	<p>3- Nas intervenções, usei muitos jogos e outras atividades lúdicas para desenvolver a linguagem oral e escrita, assim como o raciocínio matemático. Trabalhei a criação de histórias livres, com o estímulo de figuras, para desenvolver a organização narrativa, aumentar o vocabulário e poder dar espaço para a manifestação de questões emocionais. Situações de morte, partida e outras constantemente apareciam. Do mesmo modo, usava desenhos livres. Procurei sempre ter rotinas e pautas claras das nossas atividades para ajudá-la a se organizar e oferecer um ambiente mais previsível. Infelizmente, após seis intervenções psicopedagógicas a família resolveu suspender, alegando não poder pagar e que tentariam usar o apoio pedagógico da escola. Insisti para que eu pudesse fazer o encerramento do trabalho psicopedagógico, reforçando que era negativo para a Letícia que o atendimento simplesmente parasse de acontecer sem que pudéssemos nos despedir, o que reforçaria</p>	<p>3. Utilização do lúdico, mas com o destaque no desenvolvimento cognitivo associado à linguagem oral escrita.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Recursos para desenvolver narrativas e desenhos livre possibilitavam as manifestações emocionais sobre as questões de morte - Apenas seis Intervenções pelas intervenções dos pais alegando não poder pagar. <p>Insistência no contato final com a paciente para esta não sofrer outra separação brusca tendo em vista o vínculo afetivo já em constituição</p> <p>Negação da mãe.</p>	<p>3. Foco mais na utilização de jogos para o desenvolvimento das habilidades cognitivas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilização de narrativas e desenhos para abrir espaço a expressão das emoções da criança em que sentimentos de morte se apresentavam - Interrupções da mãe em relação ao trabalho terapêutico, repetindo a separação das relações vinculares da paciente, fato que interfere nas necessárias elaborações de luto diante das perdas afetivas na relação da paciente com as pessoas que se vincula. - Interrupções que impedem a elaboração do luto da morte e de outras perdas que se supõe potencializar ainda amam se a pessoa traz uma característica predominante da subjetividade e de pessoas que trazem os estilos cognitivos afetivos sentimentos que necessitam de maior aprofundamento nas relações vinculares e nas relações afetivas.
--	---	---	---

	sua sensação de incerteza e perda, já que tínhamos nos vinculado bastante. Mas a mãe não atendeu.		
--	---	--	--

Entrevistado B

<p>1. Há alguma experiência no seu trabalho com crianças que vivem a dor da perda?</p> <hr/>	<p>1. Sim: uma adolescente enlutada de 16 anos do sexo masculino, do primeiro ano do ensino que sofreu perdas associada à morte física da avó que convivia com ele na mesma casa e que tinha uma relação afetiva muito forte. Trabalhei com ele a elaboração de luto no tratamento terapêutico psicopedagógico.</p> <hr/>	<p>1. Experiência terapêutica psicopedagógica com um adolescente enlutado: perda da avó</p> <hr/>	<p>1. Perdas sofridas por adolescentes em relação à avó e que apresenta déficits de aprendizagem anteriores à perda.</p> <hr/>
<p>2. Quais as influências na aprendizagem e no desempenho escolar?</p> <hr/>	<p>2. Ele já apresentava um desempenho escolar bem baixo anterior à perda. Havia um quadro de psicose, delírios e muitas vezes misturava realidade e fantasia.</p> <hr/>	<p>2. Já apresentava rebaixamento na aprendizagem e traços psicóticos</p> <hr/>	<p>2. Percepção do sentido da dor e da morte com adolescentes com traços psicóticos, com dificuldades de diferenciações entre o real e a fantasia.</p> <hr/>
<p>3. Quais os resultados de sua escuta e intervenção do ponto de vista afetivo e cognitivo?</p> <hr/>	<p>3. Acredito que ele tenha conseguido elaborar o luto ou pelo menos dar algum sentido possível para essa perda.</p> <hr/>	<p>3. Percebeu o sentido da perda.</p> <hr/>	<hr/>
<p>4. Poderia apresentar propostas ou exemplos de intervenção psicopedagógica ou de diálogos com o paciente nesse momento respeitando o luto e</p>	<p>4. Trabalhei com fases da vida de uma planta, criamos uma história de uma semente que germina, nasce, cresce e morre. Fizemos desenhos.</p>	<p>4. Utilização do desenvolvimento de uma planta e fases da vida até a morte.</p>	<p>4. Recursos para elaboração do luto com base nos procedimentos sensoriais perceptivos como a observações do ciclo de vida das plantas da germinação até a</p>

<p>buscando elaboração do mesmo?</p> <hr/>	<hr/>	<hr/>	<p>morte</p> <hr/>
<p>5. O que mais você gostaria de acrescentar?</p>	<p>5. Foi um processo doloroso e bonito ao mesmo tempo, pois na mesma época havia perdido meu pai. Ocorreu então o que chamamos de contratransferência, algo do paciente que afeta o terapeuta profundamente. Enquanto trabalhava a dor dele, também procurei dar um sentido possível para o meu sofrimento.</p>	<p>5. Processo doloroso e belo - Experiência de transferência e contratransferência da dor e elaboração do terapeuta em relação a uma morte atual também vivida do pai.</p>	<p>5.1-Experiências de elaboração do luto em que entra em conexão a estética e o sentimento da dor da morte</p> <p>5.2-Transferências e contratransferências entre terapeuta e paciente que mutuamente vivem a dor da morte e que nos remetem a mito do curador ferido que favorece a elaboração das feridas associadas a dor da perda, a elaboração do luto.</p>

ENTREVISTADO C

<p>1. Relate sua experiência com um paciente que sofre ou sofreu perdas associadas à morte física e como lidou com o processo de luto?</p>	<p>1. Um aluno da turma do 7º ano de Ensino Fundamental II faleceu em decorrência de Meningite. Foi uma morte súbita - pela manhã ele foi à escola, assistiu às aulas interagiu com amigos e à tarde passou mal, foi socorrido, mas faleceu em algumas horas. O fato repercutiu na escola como um todo - em virtude da gravidade e por questão de Saúde Pública, várias intervenções ocorreram desde visitas da vigilância sanitária e medidas de profilaxia especialmente para os alunos da turma em que o menino estava. Para essa turma, especialmente, além da questão do medo em relação a possibilidade de contrair a mesma doença que levou o amigo, outro problema surgiu que foi o abalo emocional com a notícia da perda repentina de um amigo. Fui chamada então, para ajudar esses alunos a elaborarem o luto de maneira um pouco mais positiva. Fizemos então rodas de conversas para que cada um pudesse expor seus sentimentos</p>	<p>1. Relato vivido na escola sobre a morte súbita de um aluno do 7º ano por motivo de meningite</p> <p>-Repercussão na escola em função da gravidade e saúde pública em relação à vigilância sanitária</p> <p>-Presença do medo das crianças em relação à contaminação, mas também o sentimento de perda súbita de uma colega.</p> <p>-A entrevistada foi chamada para elaborar o luto junto aos alunos de maneira mais positiva</p> <p>-Desenvolveram-se diálogos sobre os sentimentos da perda na roda de conversa</p> <p>-Alterações no momento de o programa para os professores lidarem com estas questões da perda que envolveu também contatos com todos os funcionários da escola</p> <p>-Missa com cerimonial religioso em que os alunos entregaram aos pais suas expressões em relação ao colega com fotografias e painéis celebrando momentos que conviveram com a colega</p> <p>-Resgate posterior com toda a turma sobre o</p>	<p>1. Experiências de elaboração do luto no coletivo (âmbito escolar), em relação à morte de aluno, dialogando com as perdas e medos com os alunos.</p> <p>-As perdas coletivas associadas a uma morte imprevista ou súbita por motivos de doenças podem gerar reações emocionais em que se conectam com os medos de contaminação e o sofrimento associado à perda de alguém que estima</p> <p>-Importância de assessorias para elaborar o luto no coletivo, no âmbito escolar.</p> <p>-Valorização do diálogo para expressar os sentimentos gerados pelos medos e pela perda de alguém que mantinha vínculo afetivo na convivência coletiva</p> <p>-A importância do ritual religioso e compartilha de todos junto aos familiares possibilitando viver o rito de passagem, ou seja, o ritual da transição entre vida e morte.</p> <p>-Elaborações das perdas no coletivo resgatando a vida dos que sofreram o impacto da morte</p>
--	---	--	---

	<p>em relação ao que estavam vivendo. Os professores também alteraram seu planejamento na 1ª semana para poder ajudar os alunos a superar o trauma da perda do colega. Nos momentos das rodas de conversas, muitos choraram, outros falaram e alguns permaneceram em silêncio, mas acompanharam as atividades. Por decisão do grupo, resolveram "por prá fora" seus sentimentos através de desenhos, textos, cartazes nos quais colocaram fotos do amigo junto da turma, relembrou os momentos que viveram juntos (alguns já estavam na mesma turma desde o ensino fundamental 1. A cada dia, elaboravam algo e expunham no corredor de acesso à sala de aula, assim puderam compartilhar a dor e ao mesmo tempo a alegria da amizade, com todos da escola (direção, professores, funcionários, alunos de outras turmas). No dia da missa de 7º dia em memória do amigo, recolheram todo material produzido e após a cerimônia religiosa entregaram para a família</p>	<p>processo vivido em relação à morte da colega e elaborando o luto e continuando com boas lembranças da amiga</p>	
--	--	--	--

	<p>do amigo. Na semana seguinte, resgatamos todo o processo vivido em nova roda de conversa e foi possível observar a forma positiva com que essa turma elaborou seu luto e assim, puderam prosseguir a vida mantendo as boas lembranças do amigo</p>		
<p>2. Quais as influências na aprendizagem e no desempenho escolar?</p>	<p>2- Em discussão com a equipe técnico-pedagógica da escola, percebemos que não houve impacto no processo de aprendizagem ou desempenho escolar dos alunos por conta da perda do amigo. Acreditamos que com as ações e intervenções psicopedagógicas, puderam ressignificar a experiência vivida e puderam elaborar o luto, suas emoções e sentimentos, sem prejuízo no estudo ou na vida pessoal. Creio que o resultado ficou evidente na forma como os alunos protagonizaram a própria elaboração do luto ficaram unidos, um fortalecendo o outro e assim puderam dar mais sentido aos sentimentos de amizade e</p>	<p>2-O impacto da morte não influenciou negativamente na aprendizagem e acredita que as intervenções psicopedagógicas sobre os medos e perdas ressignificaram a experiência vivida com foco na elaboração do luto no coletivo</p> <p>Do ponto de vista afetivo, os resultados evidenciaram-se com o sentimento de união e de fortalecimento mútuo, de amizade e solidariedade. Do ponto de vista cognitivo houve um processo de amadurecimento.</p>	<p>2- As elaborações do luto no coletivo no contexto da escola possibilitam a continuidade do viver e do aprender daqueles que sofrem a dor da perda e medos da destruição.</p>

	<p>solidariedade. Do ponto de vista cognitivo, creio que foi um processo de amadurecimento.</p>		
<p>3. Poderia apresentar propostas ou exemplos de intervenção psicopedagógica ou de diálogos com o paciente nesse momento respeitando o luto e buscando elaboração do mesmo?</p>	<p>3. Creio que a intervenção psicopedagógica seja na clínica ou na instituição, deva ser de possibilitar um espaço de acolhimento e de escuta, criando vínculo de confiança com o paciente enlutado e ajudando-o a elaborar o luto de maneira mais saudável possível, seja através de conversas, desenhos, pintura, produção de textos ou através de histórias.</p>	<p>3. Na clínica ou na instituição deve-se abrir espaço de acolhimento e escuta para criar vínculo de confiança ajudando a elaboração do luto de quem sofre o impacto da perda</p> <p>- Utilização de diálogos verbais, desenhos, pinturas ou por meio de histórias.</p>	<p>3- As elaborações do luto no coletivo em um contexto de aprendizagem escolar potencializam o sentimento de compaixão e solidariedade ampliando o amadurecimento do aprendiz no nível afetivo e cognitivo.</p> <p>-O ritual para elaboração do luto é necessário tanto no âmbito da clínica como institucional escolar por meio de recursos da arte, de narrativas e expressões verbais sobre os sentimentos de perdas.</p>
<p>4. O que mais você gostaria de acrescentar?</p>	<p>4. Após a conclusão de sua tese, gostaria de ter acesso, pois o tema é extremamente relevante e seu trabalho poderá ser excelente fonte de referência para os profissionais da psicopedagogia e psicologia.</p>	<p>4. Relevância do tema e curiosidade em ler este trabalho de monografia que a entrevistada atribui grande valor</p>	<p>4. Valorização de trabalhos para psicopedagogos que aprofundam sobre a necessidade de elaboração do luto diante do impacto da morte</p>

ENTREVISTADO D

<p>1. Qual a sua experiência com crianças e adolescentes em processo de luto</p>	<p>1. O trauma de um luto, de uma perda significativa, marca tanto o desenvolvimento de um adolescente e de uma criança como qualquer outro trauma, o trauma de um abuso, um acidente é um trauma q você vai lidar para o resto de sua vida, é uma marca, fica o antes e o depois do ocorrido, fica uma cicatriz no emocional da pessoa que como toda cicatriz no começo tá muito aberta, sangrando, tem que ter um tempo de cicatrização e essa dor vai diminuindo e todos os outros aspectos da vida começam a funcionar melhor. Claro que cada um tem sua individualidade e a pergunta é: Qual a minha experiência com pacientes enlutados? E a minha experiência é que a pessoa que eu atendo já estava em processo terapêutico comigo e este fato foi muito positivo, o que facilitou muito o trabalho, porque acho q o vínculo que é um processo terapêutico, neste caso já estava estabelecido. Estabelecer um vínculo e juntamente</p>	<p>1. Experiência com adolescente que vive o trauma de uma perda e do luto é semelhante a outros traumas como acidentes, abuso e que marca pelo resto da vida. - Uma ferida fica em aberto sangrando e precisa de cicatrização -A experiência vivida por uma paciente adolescente já estava em processo terapêutico que muito facilitou a elaboração do luto -O vínculo terapêutico já estabelecido facilita a elaboração do luto já tendo um fortalecimento de estrutura da paciente.</p>	<p>1. O trauma da perda e do luto é semelhante há muitos outros traumas que deixam feridas por toda a vida - Experiência clínica com adolescente em que o trabalho de elaboração da perda facilita quando já há vínculo terapêutico e uma estrutura psíquica já mais constituída.</p>
--	--	--	---

	<p>lidar com um processo de luto é muito mais complicado, é o mesmo que você estar com uma perna quebrada e precisar andar, ou seja, como você vai andar com uma perna quebrada? Então neste sentido a minha experiência é muito positiva, porque já tinha um trabalho acontecendo de fortalecimento de estrutura.</p>		
<p>2. Influência ou implicação na aprendizagem</p>	<p>2. Não, nada que fizesse alguma marca importante. Como já era ensino médio, acredito que seja outra maturidade, diferente de uma criança que esteja em processo de alfabetização e aquisição de outros conceitos. Meu paciente tinha uma questão de timidez em sala de aula que até melhorou pós-ocorrido, porque acho que você dá pesos diferentes para coisas diferentes a partir de uma experiência deste nível, o que era um sofrimento passa a não ser mais. A escola teve um diferencial, porque foi uma escola que acolheu, mas nem precisou de tanta acolhida, o paciente deu conta sozinha do</p>	<p>2. Não houve influência negativas na aprendizagem por já estar em terapia e por estar em outro nível de maturidade de adolescente</p> <p>- Houve fatores positivos como a timidez que e os pesos de outros conflitos se redimensionam diante do impacto da morte.</p> <p>- Um fator positivo da escola em acolher o sofrimento diante das obrigações pedagógicas, mas a paciente conseguiu a superação por si própria.</p>	<p>2. Diferenças de maturidade influenciam sobre as influencias dos sofrimentos da morte e do luto interferindo na aprendizagem.</p> <p>-Elaboração do luto e influencia na aprendizagem é mais atenuada quando a pessoa já tem relação vincular terapêutica</p> <p>- O acolhimento da escola auxilia nas superações de aprendizagem</p> <p>- O impacto da morte e do luto pode alterar outros níveis de conflitos psíquicos que se atenuam ou se relativizam.</p>

	<p>processo pedagógico, mas falo novamente que não posso deixar de acreditar que o já estar em terapia foi fundamental. O apoio de profissionais é importantíssimo.</p>		
<p>3. Considerando que pacientes que sofrem o luto dos pais por suicídio, o que você me diz sobre o que é “velado” sendo este assunto ainda um tabu em nossa sociedade?</p>	<p>3. Acho que é preciso respeitar muito o tempo da pessoa, tomar muito cuidado para não invadir a pessoa em uma hora que ela está tão fragilizada. A própria pessoa, com uma base estrutural mental boa, vai dando sinais de quanto e quando ela quer saber. Minha orientação para pais e educadores é sempre “Vamos respeitar o ritmo da pessoa”. E na hora de contar a verdade sobre como a morte aconteceu, acredito que também deva ser respeitado o quanto a pessoa quer saber, o quanto a pessoa pode aguentar, por exemplo, meu paciente sabia que tinha sido um suicídio, porém não quis saber a forma. Em uma criança de dois ou três anos que o pai tenha morrido num acidente de carro, acho que não deve ser nem</p>	<p>3. Necessidade de respeitar o tempo da pessoa para ouvir as revelações minuciosas da morte em função da sua base estrutural mental que vai apresentando sinais para elaborações mais minuciosas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Orientar os educadores e pais para respeitar o ritmo das pessoas em relação às elaborações do luto com os detalhes da morte. - O paciente em questão sabia do suicídio, mas não quis saber a forma. -Uma criança que perdeu o pai no acidente de carro, se detalhar as condições do acidente pode gerar um trauma de entrar em carros. -Depende das condições das pessoas ou criança assimilar as condições e detalhes das perdas - Não se deve mentir para não gerar fantasias. 	<p>3. O respeito ao tempo e ao ritmo de quem sofre a perda aproximando os fatos e as minúcias do ocorrido gradativamente, em função dos sinais que a pessoa revela para processar a elaboração do luto.</p> <ul style="list-style-type: none"> -Orientar educadores e pais para não apresentar mentiras e ocultamento que mobiliza fantasias que distancia a pessoa da realidade da perda.

	<p>falado que foi um acidente, porque isto pode gerar na criança um trauma de entrar em carro, por exemplo, agora se você acha que a criança de dois ou três anos tem a capacidade de absorver isso então a verdade deve ser falada, ou seja, é muito particular. Sou contra mentir porque pode gerar fantasias de fantasmas enormes, mas não falar a verdade não é problema. Quando a pessoa estiver pronta ela vai querer saber, o perigo é já estar em um momento muito triste, muito difícil e você ser atravessado com alguma informação que não estava pronto para receber, não acho que vai ajudar no processo.</p>		
<p>4. Como você acha que deve ser feito o trabalho com a família?</p>	<p>4. Com crianças sempre em conjunto, com adolescente acho que também é muito particular. Neste caso específico, acredito que tenha que trabalhar com a família porque todos estão envolvidos, a família toda está no processo e os adultos devem saber administrar melhor que o adolescente. No caso do meu paciente eu já conhecer sua estrutura</p>	<p>4. Trabalhar a elaboração do luto com criança e adolescente junto com os pais.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A família está envolvida e os adultos deve saber administrar melhor do que a criança e ao adolescente - Na experiência apresentada o envolvimento da família ajudou 	<p>4. Elaboração do luto das crianças e adolescentes deve envolver os familiares possibilitando maiores condições de lidar com a dor da perda.</p>

	ajudou muito. O envolvimento da família também ajudou muito.		
5. Qual outra sugestão pode dar?	5. Eu acho que se você pensar num processo educacional, pedagógico, um evento tão traumático, pode ter consequências devastadoras se não for bem administrado. O luto pode ser fielmente devastador em todos os campos da vida.	5. O luto pode ser devastador em todos os campos da vida. -Se considerar o processo educacional e pedagógico, um evento traumático pode ter consequências devastadoras se não for bem administrado.	5. A necessidade dos cuidados educacionais e pedagógicos diante do evento traumático como o luto para que não potencializa seus efeitos devastadores